

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA
DAYSE MARIA CORRÊA

EMFRENTE: uma proposição de "enfrentamento" à violência no contexto da Rede
Municipal de Educação de São José

FLORIANÓPOLIS
2014

DAYSE MARIA CORRÊA

**EMFRENTE: uma proposição de "enfrentamento" à violência no contexto da Rede
Municipal de Educação de São José**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Pedagogia - Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria Hermínia Lage Fernandes Laffin

**FLORIANÓPOLIS
2014**

Em memória ao meu pai Djalma Elias Corrêa, que sempre me orientou a buscar meu espaço no mundo acadêmico e sempre desejou que minha formação fosse nesta universidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por em momentos de angústias e de desespero me dar força para cumprir minha jornada.

À minha orientadora D^a Professora Maria Hermínia Lage Fernandes Laffin por sua dedicação e atenção para que o meu processo de conhecimento e realização deste trabalho se concluísse.

À minha amada mãe Helena Gouveia Corrêa que sempre me amparou nas minhas alegrias, tristezas e indecisões.

Ao meu esposo Wagner Luiz Barbosa Ventura que em todos os momentos, me auxiliou, me amparou, me acolheu em seu amor.

Aos meus irmãos (ã) Mirela Albertina Corrêa, Ramon Ramirez Corrêa, Mauricio Elias Corrêa, Alberto Carlos Corrêa e Carlos Alberto Corrêa, que sempre me incentivaram a nunca desistir de meus sonhos e me apoiaram em todos os momentos.

Ao meu enteado Brendon e aos meus sobrinhos Sabrina, Gabriela, Letícia, Priscila, Filiphe, Franciele, Jean, Jefferson, Arthur, Danielle, Laurinha e Vanessa que são tudo na minha vida. A Felipe, Suzane, Henrique e Vitor que são meus sobrinhos de coração.

Às minhas cunhadas Adenide, Adriana, Barbara e Márcia que de certa forma contribuíram para que eu completasse essa caminhada.

Agradeço às minhas colegas de graduação, que muito me ensinaram nesses anos de convivência, em especial Amanda, Gesse, Joyce, Mariana, Maria Luiza, Thayse, Rafaela e Virgínia, as quais hoje posso chamar de amigas.

Agradeço às minhas amigas Mílian, Nicoli e Viviane que sempre me falaram palavras de incentivo e coragem.

Agradeço aos professores do curso, que foram fundamentais para minha aprendizagem. Em especial à professora Maria Aparecida Lapa de Aguiar pelo carinho e atenção que me foi dado em um momento de insegurança.

À coordenadora do GRUPO EMFRENTE e aos profissionais que fazem parte do mesmo, pelo apoio e cooperação para que este trabalho pudesse ser concluído.

Aos membros da banca pela atenção e disponibilidade.

Enfim, agradeço a todos que me apoiaram, incentivaram e acreditaram na minha vitória.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso (TCC) tem como problematização compreender como se dão os processos de formação continuada e as ações da Secretaria Municipal de Educação de São José, assim como, são percebidas suas ações pelos participantes dessa formação. Assim, a pesquisa analisa a criação, desenvolvimento e ações do Grupo EMFRENTE, cujo projeto realizado nessa rede de ensino, realiza a formação e proposições de atividades para as escolas, sobre o tema violência. Destaca-se a importância de possibilitar reflexões e propiciar conhecimentos para que o professor possa adquirir estratégias e conhecer os meios legais para saber como agir em casos de violências que por circunstância ele se depara. A pesquisa caracteriza-se como qualitativa de caráter descritivo e exploratória, com o uso de análise de documentos orientadores da rede de ensino, realização de entrevista com a coordenadora do Grupo e também uso de questionários junto a professores participantes do grupo. Foram importantes para o desenvolvimento do estudo os seguintes autores: Faleiros e Faleiros (2008), Maciel (2001), Waiselfisz (2012), Lima e Venâncio (1996), Moura (1996), Severino (2007), Trivinões (2010), entre outros. Como resultados da pesquisa aponta-se para um olhar sobre as ações do Grupo EMFRENTE e de seus agentes de referência nas escolas, bem como as trocas de informações agentes de referência – escola, nos quais trazem suas contribuições quanto à observação dos professores, nos casos de violência na escola.

Palavras chaves: Programa Grupo EMFRENTE– Formação – Violência - Ações

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
1.1 Problematização.....	8
1.2 Objetivos.....	11
1.2.1 Objetivo Geral.....	11
1.2.2 Objetivos específicos.....	11
2. JUSTIFICATIVA/FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	12
2.1 Concepção de Criança e a Questão da Violência.....	12
2.2 A Violência junto às Crianças e os contextos históricos.....	14
2.3 Infância no contexto histórico brasileiro.....	15
2.4 Formas de violência.....	20
2.5 A formação dos educadores.....	22
3. METODOLOGIA E ANÁLISE DE DADOS.....	25
4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DO PROCESSO E DO RESULTADO DA PESQUISA.....	28
4.1 O GRUPO EMFRENTE na concepção dos educadores participantes / sujeitos da pesquisa.....	36
4.1.1 Expectativas em relação ao Grupo EMFRENTE.....	42
4.1.2 A contribuição do profissional para o grupo.....	44
4.1.3 Quanto à avaliação das ações do grupo.....	45
4.1.4 Quanto à troca de informações.....	46
4.1.5 As trocas de informações entre agente de referência, escola e grupo Emfrente.....	47
4.1.6 Encaminhamentos para escola.....	48
4.1.7 Projetos feitos nas escolas junto à questão da violência.....	49
4.1.8 Sobre as práticas e estratégias utilizadas no projeto.....	50
4.1.9 Quanto aos relatos sobre o grupo.....	51
4.1.10 Quanto aos desafios e demandas vindas da escola.....	53
5. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	55
REFERÊNCIAS.....	59
ANEXOS.....	61
ANEXO A.....	61
ANEXO B.....	62
ANEXO C.....	63

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso tem por objetivo conhecer as ações da Secretaria Municipal de Educação de São José sobre violências, dirigidas às escolas de Educação Básicas, seja no âmbito de formação de professores ou assistência pública.

Durante a trajetória acadêmica e experiências profissionais na área da educação percebemos que o educando necessita de um cuidado integral, ou seja, um olhar apurado sobre aspectos que envolvam sua vida e, particularmente quando se constata no contexto escolar evidências de violência em que várias crianças são submetidas.

Mediante essa perspectiva se aposta em um estudo sobre a análise de um projeto de intervenção educativa que busque a formação docente em relação à questão das violências que afetam o cotidiano escolar. Pois entendemos que esta permitiria a apropriação de conhecimentos fundamentais, que estariam nos orientando quanto a nossa formação como educadora e também nos ajudando na relação entre educador e educando.

Assim, destacamos que esta pesquisa iniciou-se com a preocupação principal de compreender a relação entre discentes e docentes e suas implicações desde a formação do educador até o impacto na educação do educando. Observamos como os professores lidam com os encaminhamentos das crianças e adolescentes que sofrem principalmente aqueles oriundos da violência doméstica no seu cotidiano. Pois entendemos que a sociedade não está preparada para atendê-los em suas necessidades.

Percebemos que as violências contra crianças e adolescentes, podem em muitos momentos apresentar-se no contexto escolar como um obstáculo tanto nas relações sociais com seus colegas e professores, como também no aprendizado escolar. Dessa forma, o professor que não tem um conhecimento mais apurado sobre alguns aspectos relacionados a este assunto pode estar caracterizando o problema vivenciado pelo sujeito como de ordem médica, e equivocando-se na avaliação desse sujeito.

A partir destes questionamentos, destacamos que a opção pelo tema foi devido a uma série de fatos vivenciados na minha trajetória profissional que de certa forma justificam o tema proposto.

Pode-se observar que a formação dos profissionais, da educação, em identificar e denunciar as situações de violência é fundamental para melhoria no processo de ensino-aprendizagem e para a mediação do professor com o educando.

Há necessidade de um olhar mais atento para certas situações que começam a ser percebidas no ambiente escolar, não só as pedagógicas enfrentadas diariamente, mas aquelas vindas do ambiente domiciliar como as violências, que muitas vezes são mascaradas, escondidas, necessitando de uma percepção mais apurada da situação no momento. Com isso surge a necessidade do docente estar atento à sua prática, participando de momentos formativos sobre o tema, aprendendo novos meios de lidar com diversas e adversas situações, que venham dar suporte para resolver ou encaminharem aos órgãos competentes que protegem as crianças e adolescentes que se encontram em situação de risco.

Mediante estas preocupações meu olhar foi direcionado para ao contexto de minha atuação profissional: a Rede Municipal de Educação de São José, em que fizemos o estudo sobre a formação de educadores junto ao Grupo EMFRENTE, trazendo vários aspectos sobre sua funcionalidade com os educadores nessa rede, em relação ao enfrentamento das violências as quais, estes profissionais se deparam nas instituições de ensino em relação aos seus educandos, a busca da prevenção e orientação dos casos que viessem a ter a necessidade de um olhar mais atento. Com isso, buscamos compreender quais são os processos de formação vivenciados pelo grupo, em que condições são realizadas essa formação, como é ofertada, quais são seus destinatários, como se dá a participação dos professores e seus alcances político pedagógicos.

1.1 Problematização

Na mídia observamos atualmente vários tipos de violências contra crianças e adolescentes. Mortes, abuso sexual, trabalho infantil, violência psicológica, abandono e outras, deixando assim marcas e ferindo fisicamente e psicologicamente. Agressões estas, que na maioria das vezes partem do próprio meio em que a criança está inserida, no qual entendemos que este deveria ser o espaço de proteção, e cuidado.

Entendemos que a prática da violência por parte do círculo domiciliar é muitas vezes confundida como um método educativo e de repreensão às crianças e adolescentes. Nessa definição, estão ações da palmadas, beliscões, deixar sem alimentos, gritos entre outras agressões.

Segundo Maciel (2001, p. 64) “[...] o homem é um ser histórico e social, construído a partir de suas relações com o mundo natural e social”. É na relação com o meio que o indivíduo aprende, se desenvolve e dá significado as coisas. Neste espaço

desenvolve seus primeiros conceitos de mundo, cria laços afetivos e constitui a sua identidade.

Então, o interesse dessa pesquisa nasce a partir de uma necessidade pessoal de compreender os procedimentos de alguns profissionais de uma escola em que trabalhei em relação a suas ações com esses sujeitos, por falta de uma formação adequada. Vi ali crianças e adolescentes com muitos problemas sociais, marcadas por vários tipos de violências, violências estas que afetavam diretamente o seu processo de ensino e aprendizagem.

Algumas vezes ao conversar com alguns professores, percebi também a falta de conhecimento que apareciam implícitas em suas falas quando participávamos das escolhas de vagas em caráter temporário para o profissional da educação que ocorrem no início de cada ano letivo. Observei nas conversas destes profissionais palavras inadequadas que estigmatizavam as crianças. É perceptível na fala desses professores a falta de escopo teórico em relação a como se constrói esse sujeito, e como o meio em que o indivíduo se encontra poderá influenciar na sua construção social.

Entendemos que a violência é um problema que acontece há muito tempo, perpassa por muitas gerações, e em diversos momentos tende a ocultar e alterar o olhar do indivíduo sobre a realidade dos fatos. Conforme Faleiros & Faleiros (2008, p.29) “Todo poder implica a existência de uma relação, mas nem todo o poder está associado à violência”. Podemos constatar que a visão da violência está muitas vezes marcada pelo modo de como o sujeito percebe historicamente este processo.

A violência transita por todas as classes sociais, atingindo tanto crianças, adolescentes, adultos ou idosos, deixando vestígios de intolerância e dor. Conforme Waiselfisz, (2012) em seu livro há um crescimento preocupante sobre violência cometida contra crianças e adolescentes, o que nos mostra a gravidade da situação:

[...] as causas externas de mortalidade vêm crescendo de forma assustadora nas últimas décadas: se, em 1980, representavam 6,7% do total de óbitos nessa faixa etária, em 2010, a participação elevou-se de forma preocupante: atingiu o patamar de 26,5%. Tal é o peso das causas externas que em 2010 foram responsáveis por 53,2% - acima da metade - do total de mortes na faixa de 1 e 19 anos de idade. Só para se ter ideia do significado: a segunda causa individual: neoplasias - tumores - representam 7,8%; e a terceira doenças do aparelho respiratório: 6,6%. Isoladamente, homicídios de crianças e adolescentes, que fazem parte das causas externas, foram

responsáveis por 22,55% de total de óbitos nessa faixa (WAISELFISZ, 2012, p.8).

Notamos nesses dados, que muitas crianças ainda estão sendo acometidas por algum tipo de violência. Cabe também à escola observar em seu contexto tais situações de violências. Com isso, entendemos que a escola deve ser um ambiente, que além de oferecer ao aluno possibilidades de ser crítico, deve também ser um espaço de proteção e discussão. Espaço este, observador, questionador e criador de ações concretas para um bom desenvolvimento educacional. Entende-se que as crianças não são capazes de se protegerem sozinhas, e que alguns tipos de violências se tornam invisíveis aos olhos de muitos. Pois, em certos momentos são usadas como um ato de repressão com intuito de “educar” e deixa marcas que comprometem o desenvolvimento, físico, psicológico e educacional do indivíduo.

Ao pensarmos nos dados sobre o alto índice de violência contra criança e adolescente cabe aqui questionar: até que ponto as ações de formação da Secretaria da Educação do Município de São José estão chegando às escolas para contribuir no combate ao quadro da violência?

Ciente, de que em função de acesso a alguns dados disponibilizados preliminarmente pelo setor pedagógico da Secretaria de Educação de São José/SC percebemos que esta realiza processos de formação continuada no contexto do GRUPO EMFRENTE com a intencionalidade de debater o tema.

A Secretaria de Educação do Município de São José conta com o GRUPO EMFRENTE que tem como objetivo a “discussão e a operacionalização de uma proposta para o manejo e o enfrentamento das violências infanto juvenis”. O grupo surge em 2010 a partir do olhar da prática de estágio desenvolvido pela UFSC em psicologia escolar, nas escolas da Rede Municipal de Ensino de São José.

O grupo além dos encontros presenciais que se dão na última quinta-feira de cada mês durante o ano letivo, conta com uma página na rede social *facebook* e *blog*¹

¹ “*Blog* é uma palavra que resulta da simplificação do termo *weblog*. Este, por sua vez, é resultante da justaposição das palavras da língua inglesa *web* e *log*. *Web* aparece aqui com o significado de rede (da internet) enquanto que *log* é utilizado para designar o registro de atividade ou desempenho regular de algo. Numa tradução livre podemos definir *blog* como um diário *online*”. Fonte: <http://www.significados.com.br/blog/>. Acessado em maio de 2014. *Facebook* é formado pelo “termo é composto por *face* (que significa cara em português) e *book* (que significa livro), o que indica que a tradução literal de *facebook* pode ser “livro de caras”. *Facebook* é uma rede social lançada em 2004. O *Facebook* é gratuito para os usuários e gera receita proveniente de publicidade, incluindo *banners* e grupos patrocinados. Os usuários criam perfis que contêm fotos e listas de interesses pessoais, trocando

com informativos e algumas bibliografias que auxilia o profissional da educação e até mesmo a comunidade escolar, com informações a respeito das violências contra crianças e adolescentes. Com isso ajuda a tirar as dúvidas dos docentes e de muitos que assim desejam.

Atualmente o grupo é coordenado por duas psicólogas e uma pedagoga todas da Rede Municipal de São José desde 2001.

A partir do interesse de saber mais sobre as situações enfrentadas por esse GRUPO problematiza-se e pretende-se compreender quais são os processos de formação vivenciados pelo grupo, em que condições é realizada essa formação, como é ofertada, quais são seus destinatários, como se dá a participação dos professores e seus alcances político pedagógicos.

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo Geral

Investigar os processos de formação continuada ofertada pela Secretaria Municipal de Educação de São José, por meio do grupo EMFRENTE, dirigidas às escolas de educação básica sobre a questão das violências e analisar seus alcances políticos pedagógicos na ótica de profissionais da educação participantes dessa formação.

1.2.2 Objetivos específicos

- Apresentar estudos teóricos e documentais sobre formação docente, no enfrentamento às violências que se evidenciam no contexto do espaço escolar.
- Identificar a proposta do GRUPO EMFRENTE, sua constituição, organização e espaços de atuação político-pedagógico.
- Caracterizar as concepções, ações e processos formativos voltados ao espaço escolar realizados pela SME de São José/SC sobre a questão da violência, na ótica dos profissionais envolvidos na sua proposição e desenvolvimento.

2. Justificativa/ fundamentação teórica

2.1 *Concepção de Criança e a questão da violência*

Sendo a criança um ser que tem necessidade de proteção, de cuidado e que se expressa de várias maneiras, concordamos com Rocha e Osttetto (2008) quando estas nos apontam sobre a concepção de criança e infância destacando estas como um ser social e portadoras de direitos:

[...] a concepção de criança como sujeito social de direitos, um ser completo em si mesmo, que pensa, se expressa por meio de múltiplas linguagens, que produz cultura e é produzido numa cultura. Rompendo com a visão da criança como “vir a ser”, afirma-se seu direito à infância: as crianças precisam ter a vivência da sua infância no presente (2008, p.104).

Assim, percebemos a escola como sendo um espaço de apoio e desabafo de muitas crianças e adolescentes. As mesmas trazem consigo, para dentro da escola, problemas e situações vivenciadas em seus lares que vão notoriamente interferir no seu aprendizado escolar e nas interações com seus pares. Com isso os professores necessitam a todo o momento procurar subsídios para ajudarem nos momentos em que necessitam.

A escola como sendo um espaço de troca de saberes, de construção de conhecimentos, de relacionamentos e construção da cultura. Na escola encontramos diferentes pessoas que se cruzam, se relacionam, pessoas que participam umas da vida das outras, com muita ou pouca intensidade.

Segundo Rosa (2011, p. 45)

É na relação com os diferentes personagens que cruzam nossa história - mãe, pai, amigos/as, irmãos e irmãs, companheiros/as - que nos tornamos quem somos. A isso chamamos de alteridade, ou seja, o que somos e como chegamos a ser o que somos está intimamente relacionado com a intensidade que a presença do/a é exercida em nossas vidas.

No espaço escolar a criança convive e se relaciona com outras crianças, outros adolescentes e adultos, trocam experiências umas com as outras. Nessas experiências vai observando o outro vai tendo um olhar diferenciado e seu corpo é notado e tocado por experiências culturais.

Esse corpo através das relações pode se estabelecer entre a dor e o prazer e concordamos com o autor (2011, p. 49) ao abordar que

A materialidade desse corpo é forjada nos embates entre o dever-ser, que são as leis e normas socialmente estabelecidas, e as resistências. Por essa razão, o corpo na e pela cultura é pensado e “pesado”. Feito, portanto, de prazer e de dor. Prazer de ser olhado,

contemplado; dor de ser negado e lançado às margens quando não corresponde ao que dele é esperado.

Percebemos que ao chegar à escola as crianças entram em contato com ensinamentos e ações diárias que vão aos poucos os disciplinando. E esta escola traz em seus ensinamentos conteúdos já pré-estabelecidos com a intenção de disciplinar os alunos, de formá-los conforme sua idealização. Procuram alinhar a todos num mesmo patamar. Ainda conforme Rosa (2011, p. 50):

São inúmeros os esforços que a escola empreenderá para formar um tipo de sujeito que ela idealiza e, para tanto, utiliza-se de uma organização curricular, de um conjunto de métodos, técnicas e procedimentos. Busca, velada ou explicitamente, dar coerência aos desejos, corrigir as deficiências enquanto educa os movimentos. Ela procura ocultar e / ou alinhar os corpos incertos (deficientes, gordos, negros, pobres, travestis, etc.) bem como silenciar suas vozes.

Assim, vimos a escola como formadora de opiniões, como disciplinadora, onde os professores e outros profissionais algumas vezes tendem a efetivar ações não democráticas, que impossibilitam ajudar a criança e o adolescente a serem cidadãos críticos, a terem confiança de achar no professor um aliado, alguém que possa lhe ajudar, alguém a quem possa falar do que esta passando.

Segundo Rosa (2011, p.50)

Com tais pretensões, habitualmente, nós professores/as, gestores/as, técnicos/as e outros/as profissionais da educação, assumimos posturas que não favorecem a construção da cultura democrática na escola, nem mesmo o gozo pleno de um direito básico previsto na nossa constituição: o direito à diferença.

Assim entendemos a importância da formação do professor para poder lidar com crianças e adolescentes que ao chegar à escola estão sofrendo algum tipo de violência, e que, portanto, mostram-se constrangidos, perdidos e desestimulados.

Com isso vimos necessidade da efetivação de programas que tragam ações que venham ajudar essas crianças e adolescentes a terem sua auto-estima reconfigurada e que possam ser ajudadas nos momentos de enfrentamentos² e de lidar com as violências sofridas.

Entendemos a grande importância de colaborarmos e assim possamos ter uma participação mais efetiva nos momentos em que observamos e nos deparamos com situações de violências vividas por crianças indefesas. Vimos a necessidade de novos

² Enfrentamento: (enfrentar+mento) é uma ação de enfrentar algo ou coisa. Fonte: <http://www.dicionarioinformal.com.br>. Acessado em maio de 2014. Nesse sentido, a opção do termo enfrentar situa-se nesta pesquisa como postura política pedagógica no combate à violência na escola.

projetos, pois se sabe que atualmente há pouco interesse de estar debatendo, discutindo esse tema.

Percebemos isso em nossa pesquisa, pois encontramos poucos programas que abordassem os diversos tipos de violências acometidos por milhares de crianças. Um dos programas que busca tais ações de enfrentamento á violências foi o Projeto Escola que Protege, desenvolvido pelo Ministério da Educação com o intuito de prevenir e promover ações acerca da violência contra a criança e adolescente. Segundo Faleiros & Faleiros (2008)

O Ministério da Educação, por intermédio da Secretaria de Educação Continuada, alfabetização e Diversidade (SECAD), desenvolveu em 2004 o Projeto Escola que Protege, que tem como finalidade promover ações educativas e preventivas para reverter a violência contra crianças e adolescentes.

Com o passar do tempo em 2006 ocorreram formações com professores com a intenção de que esses professores garantissem os direitos às crianças e adolescentes.

Ainda os autores (2008, p.7) acima citados situam que:

No ano de 2006, estabeleceu-se como prioridade básica a formação de professores e demais profissionais envolvidos com a educação para atuarem como aliados na garantia dos direitos de crianças e adolescentes. A formação se concretizou por meio de um curso de educação a distância, desenvolvido pela Universidade Federal de Santa Catarina, seguido de uma etapa presencial, realizada em todas as regiões do Brasil por Universidades Federais e Estaduais.

2.2 A violência junto às crianças e os contextos históricos

Para entendermos como as violências contra crianças e adolescentes se caracterizam nos dias atuais é necessário contextualizar esse fenômeno no campo da história da infância ao longo do tempo. Percebemos que a negligência com as crianças tem raízes na antiguidade e durante a história a criança vem sendo vítima de muitas agressões. Nesse contexto, os atos violentos não eram caracterizados como violência, pois, segundo Ariès (1978, p. 17). “[...] por volta do século XII se desconhecia a infância ou não tentava representá-la”.

Em tempos anteriores a criança era vista como um adulto em miniatura, não tinha seus direitos garantidos e vivia junto aos hábitos dos adultos. Em alguns países os meninos desde cedo já se preparavam para serem guerreiros e as meninas para o matrimônio. Segundo Faleiros & Faleiros (2008, p. 16) “Em Esparta, o Estado

assumia a responsabilidade de educar seus futuros guerreiros em princípios cívicos e militares logo aos sete anos de idade”.

Nessa perspectiva percebemos uma forma de violência agregada ao que era a cultura daquele período da história. Em alguns países como Roma, Grécia e Esparta a idade da criança variava pela forma que os achavam aptos para casarem ou irem para as guerras. Portanto, aqui já deixa claro um indício de violência perante a criança que não era considerada um ser que necessitasse de cuidados.

Foi com Rousseau que se percebe a infância, ele retrata em “Emílio ou da educação”, como deveria ser a educação de uma criança, e é neste contexto que surge o discurso que criança deveria ser cuidada.

Não se conhece a infância; no caminho das falsas idéias que se têm, quanto mais se anda, mais fica perdido. Os mais sábios prendem-se ao que os homens importa saber, sem considerar o que as crianças estão em condições de aprender. Procuram sempre o homem na criança, sem pensar no que ela é antes de ser homem (ROUSSEAU, 1999, p.4).

Com isso vai se intensificando a importância de um novo olhar sobre as ações que devem ser direcionadas a essa criança.

2.3 Infância no contexto histórico brasileiro.

Outros conceitos vão aparecendo e se transformando ao longo da história. Nesse processo as crianças passam a terem seus espaços, a ser indicada a infância começa-se a perceber, o abandono e agressões morais e físicas. Podemos retratar isso em alguns momentos da história das crianças no Brasil.

No Brasil a lei do ventre livre, foi uma tentativa de proteção aos filhos de escravos³, porém muitas crianças ainda continuavam sendo utilizadas pelos senhores como escravas até a libertação dos escravos em 1888. Nesse contexto, muitas crianças que não ficaram com os proprietários, ficaram como responsabilidade do governo. Este percebendo o abandono de muitos enjeitados nas ruas pede auxílio ao rei, na qual, então se funda no Rio de Janeiro a Santa Casa de Misericórdia, do Rio de Janeiro, as Rodas⁴ e Casa dos Expostos, no qual, muitas crianças foram abandonadas nesse local. Lima e Venâncio (1996) mostram um dado importante deste período.

³ Não iremos entrar aqui no debate sobre a escravidão, mas identificar uma forma de violência contra crianças neste período

⁴ A *roda dos expostos* ou *roda dos enjeitados* consistia num mecanismo utilizado para abandonar (*expor* na linguagem da época) recém-nascidos que ficavam ao cuidado de instituições de caridade. O

Os enjeitados permaneciam de um a dois meses na Casa da Roda, onde o índice de mortalidade infantil oscilava em torno de 50 a 70%. Os que sobreviviam eram enviados a “criadeiras”, pagas pela Santa Casa, devendo permanecer na companhia dessas mulheres até a idade de sete anos. A partir daí, as crianças eram encaminhadas a famílias adotivas ou ao Arsenal da Marinha, no caso dos meninos, e ao Recolhimento das Órfãs, no caso das Meninas. (LIMA E VENÂNCIO, 1996, p. 67).

Conforme os autores, as crianças deveriam trabalhar até os 14 anos totalmente de graça em troca da alimentação e moradia. Nesta perspectiva percebemos como as crianças também eram violentadas pela cor da pele e pela força de trabalho escravo.

Vimos que no Brasil já em 1917, as crianças viviam em meio a muitas negligências e abandonos, já trabalhavam e morriam muito cedo. Conforme Moura (1996, p. 112) um jornal da época, o jornal “Fanfulla” publica a seguinte notícia: “Como, humanamente, pode-se tolerar - indaga então - que menores dos dois sexos sejam obrigados a trabalhar nas máquinas, consumindo sem débil organismo em pouco tempo e em permanente perigo de vida, proveniente dos contínuos acidentes do trabalho?”

Com a industrialização, já a partir do século XX, esta preocupação continua, onde as situações de descaso destas crianças acontecem de forma mais agravante. Com crianças trabalhando em fábricas e oficinas em São Paulo, com idade até de cinco anos.

Moura relata que:

A partir da fase de industrialização incipiente, a presença de crianças e de adolescentes no trabalho das fábricas e oficinas em São Paulo, predominantemente no setor têxtil, resulta em reações de caráter crítico à utilização e exploração dessa mão - de - obra no trabalho industrial, veiculadas sobretudo através da imprensa. Essas reações são, com frequência, emitidas por médicos e sanitaristas e se acham fundamentadas principalmente na precariedade das condições de trabalho – jornada excessiva, trabalho noturno, falta de segurança no trabalho, insalubridade, baixa remuneração – às quais essa mão-de-obra é submetida, fundamentando-se também na idade muitas vezes insuficiente desses menores frente às funções que exercem. (MOURA, 1996, p. 112 - 113)

Entendemos que nessa época, viam-se as crianças como um adulto, pois se achava que elas poderiam ter o mesmo potencial de trabalho que os mesmos. Estes menores, mesmo com pouca idade, eram aproveitados no trabalho, com uma remuneração inferior ou sem nenhuma remuneração.

mecanismo, em forma de tambor ou portinhola giratória, embutido numa parede, era construído de tal forma que aquele que expunha a criança não era visto por aquele que a recebia. Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Roda_dos_expostos. Acessado em junho de 2014.

O descaso com os menores era tão grande que em 1870 encontravam-se anúncios com pedidos de trabalhos para menores. Moura (1996, p. 114) nos traz uma publicação do jornal *A Província de São Paulo* em 1875 com dados importantes sobre o período. “Na rua S. Bento nº 85 admitem-se meninos de 10 anos para cima, para aprenderem o ofício de empalhador e envernizador e marceneiro.”

O mesmo autor (1996, p. 114) ainda mostra outros anúncios também no jornal *Fanfulla*:

“Bambini, Occorrono per lavorare nella Fabbrica di Biscotti Allá Alameda Barão de Limeira num. 25.

Moura (1996), ainda nos mostra que em 1890 pode-se obter dados pela Repartição de Estatística e Arquivo do Estado de São Paulo, que menores trabalham em diversas atividades nas indústrias da época.

[...] em relatório, que os menores representam, com relação ao conjunto de atividades consideradas - indústrias do vestuário, de fósforos, de fumo, têxteis, alimentícias, fundições e oficinas mecânicas, fábrica de móveis, além de serrarias, tipografias e olarias entre outros estabelecimentos, num total de 64 -, 15% do total de mão- de- obra empregada, representando, no têxtil, cerca de 25% do total de mão - de- obra absorvida por esse setor (MOURA, 1996, p. 114).

Já no século XX esses dados tornam-se mais expressivos e vimos um grande aumento de menores trabalhando nas indústrias têxteis em São Paulo. Assim, Moura (1996, p. 114), destaca que o Departamento Estadual do Trabalho trás os seguintes dados:

Nos estabelecimentos então visitados na capital – aproximadamente 22 -, os menores representam pouco mais de 30% do total de operários absorvidos pelo setor, sendo empregados sobretudo na fiação e na tecelagem, funções nas quais constituem respectivamente, 50% e 30% da mão – de – obra.

Ainda segundo Moura (1996), no ano de 1920 a Diretoria Geral de Estatística traz novos dados ao pesquisar em 4145 estabelecimentos. Vimos uma queda na mão – de – obra destes menores. Conforme Moura (1996, p 115), “a participação de menores quer no setor secundário como um todo – o que corresponde a 4145 estabelecimentos recenseados -, quer nos 247 estabelecimentos pertencentes ao setor têxtil, ultrapassa os 7% em todo o estado de São Paulo”.

Com a crescente mortalidade das crianças nos acidentes de trabalho, na década de 1910 há uma preocupação em regulamentar a situação desses menores, porém esta preocupação vinha a partir de um olhar no futuro, que se previa de uma parcela de adultos que seriam parcialmente ou totalmente inaptos aos trabalhos nas fábricas. Conforme Moura (1996)

[...] imprime-se, às conseqüências do acidente do trabalho no que diz respeito ao trabalhador menor – “reserva dos homens no Brasil”, na expressão do deputado Nicanor Nascimento -, intensidade maior porque a projeção futura dos freqüentes acidentes nas fábricas e oficinas faz prever uma parcela significativa da população adulta com capacidade de trabalho total ou parcialmente comprometida (MOURA, 1996, p. 114).

Entendemos essa época como sendo muito difícil para os menores, tanto em relação aos seus direitos, como em relação a sua própria identidade. Seriam crianças ou adultos?

Nestes momentos percebe-se uma preocupação do Governo provisório com estas crianças que poderiam trazer prejuízos futuramente. Assim é regulamentado o trabalho dos menores. Conforme Moura (1996):

São fixados limites para a jornada de trabalho e para a idade de admissão do menor ao trabalho das fábricas e oficinas, havendo certa preocupação com a saúde e a segurança desse trabalhador. Em 1919, por exemplo. O Decreto nº 2114 - procurando relacionar a idade de admissão do menor ao trabalho industrial à natureza da função a ser exercida - estabelece precariamente em seu artigo 173 que não seriam “admitidos como operários os menores de 10 anos, podendo os de dez a doze anos executar serviços leves (MOURA, 1996, p. 116 e 117).

Entretanto, apesar desta regulamentação não existia uma fiscalização adequada, menores ainda trabalhavam nas fábricas e eram acometidos de vários acidentes de trabalho.

Assim, 40% desses menores no período de 1912 e 1919 continuam sofrendo acidentes de trabalho: Moura (1996, p. 118) salienta que: “[...] no período de 1912 a 1919, os trabalhadores inseridos na faixa etária compreendida entre 10 e os 20 anos são os que mais se acidentam, sendo representativos de mais de 40% do total de operários então acidentados.

O autor ainda destaca que a partir do século XX mesmo com toda a regulamentação, ainda os menores continuam a serem vítimas de acidentes.

De fato, o noticiário diário da capital permite concluir que já nos primeiros anos do século xx, os menores estão plenamente

incorporados ao processo produtivo e são vítimas frequentes de acidentes do trabalho nos estabelecimentos industriais, inclusive em oficinas de pequeno porte, acidentes cuja gravidade a morte do pequeno operário ou o ferimento irremediável permitem constatar de imediato (MOURA, 1996, p. 118 e 119).

É possível perceber marcas deixadas durante a história, em relação à violência contra as crianças, foram observadas, comparadas, estudadas por pesquisadores e estudiosos. Leis foram criadas para proteção dessa criança e desse adolescente.

Entendemos que as crianças já trazem consigo uma grande carga de conhecimentos e experiências positivas e negativas que poderão estar influenciando em seu processo de ensino aprendizagem. Trazem de seu contexto muitas marcas das violências. Observamos que essas violências marcadas em muitas famílias, trazem diversas conseqüências que poderão estar influenciando não só nas suas relações familiares, mas também nas sociais, bem como na escola, lugar em que a criança passa muito tempo de sua vida.

Observamos em nossa sociedade, a presença das violências contra crianças de variadas formas como: o trabalho infantil, a agressão física, abuso sexual. Isso muitas vezes pode acontecer pela má distribuição de renda e o almejo de produtos industrializados por causa do alto consumismo que leva a sociedade à necessidade de bens de consumo. Nessas condições por falta de dinheiro muitas famílias acabam na criminalidade, não por desejarem, mas por falta de opção, tornando-se assim alvo das violências.

Com isso vimos a importância das leis que devem estar sendo colocadas em prática, leis que foram criadas para mudar estas situações. Entende-se que anteriormente os menores eram dirigidos para um juiz de menores que dava suas considerações sempre que houvesse alguma necessidade. Estas leis mostravam-se frágeis e não davam a devida proteção as crianças e adolescentes deste período. Viviam a margem de abusos e constantes irregularidades quanto aos seus direitos que deveriam estar estabelecidos e bem concretos nas leis do nosso país.

Portanto, em 1990 pode-se perceber um grandioso avanço com o Estatuto da criança e do adolescente e a lei que regulamenta e traz os devidos direitos as crianças e adolescentes, é sancionada a lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990.

Essas leis vêm trazendo vários elementos que garantem uma devida proteção as crianças até doze anos de idade, e adolescentes entre doze e dezoito anos de idade.

Em detrimento a tantas situações de risco o Estatuto da criança e adolescente vem trazendo leis de proteção em favor desta criança.

Art.5º do (ECA) – Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei por qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais.

Também encontramos nessa lei a importância de diversos artigos que mostram que este cuidado deve estar pautado em políticas públicas e acolhimento das famílias, comunidade e sociedade. Conforme Estatuto da criança e do adolescente (2006, p. 39) no seu Art.7º “A criança e o adolescente têm o direito a proteção á vida e á saúde, mediante a efetivação de políticas sociais públicas que permitem o nascimento e o desenvolvimento sadio e harmonioso, em condições dignas de existência”.

Assim, podemos também destacar o artigo 4º do Estatuto da criança e do adolescente (2006, p. 38) que estabelece a quem é dever a efetivação dos direitos das crianças e adolescentes:

Art.4º E dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes á vida, á saúde, á alimentação, á educação, ao esporte, ao lazer, á profissionalização, á cultura, á dignidade, ao respeito, á liberdade e á convivência familiar e comunitária.

Percebemos que mesmo com o estatuto da Criança e do adolescente garantindo muitos direitos, é percebido que as crianças ainda continuam passando por muitas situações de violências.

2.4 Formas de violências

Quando falamos em violência devemos observar que este conceito é muito amplo e ao delimitarmos o estudo sobre violências sofridas por crianças e adolescentes, precisamos observar que estas se apresentam de várias maneiras, nas quais denominamos formas de violência que são elas: violência psicológica, física e sexual. Destacamos que não temos como objetivo estar neste trabalho, fazendo uma abordagem mais ampla sobre os tipos de violências. Mas sim, estar dialogando sobre diversas situações que entendemos necessárias serem abordadas, como o poder exercido por diversas pessoas, fazendo com que essas crianças e adolescentes venham sentir-se reprimidas, violentadas, desamparadas.

Entendemos que a violência psicológica aconteça na medida em que se observa que há alguém que manda e alguém que obedeça. Criando assim uma relação de poder entre uma e outra. Este tipo de violência é pouco detectado, pois poucos aceitam reconhecê-la.

Faleiros & Faleiros mostra-nos isso ao destacar esse tipo de violência nas seguintes palavras:

A violência psicológica é uma relação de poder desigual entre adultos dotados de autoridade e crianças e adolescentes dominados. Esse poder é exercido através de atitudes de mando arbitrário (“obedeça porque eu quero”), de agressões verbais, de chantagem, de regras excessivas, de ameaças (inclusive de morte), humilhações, desvalorização, estigmatização, desqualificação, rejeição, isolamento, exigência de comportamento éticos inadequados ou acima das capacidades e de exploração econômica ou sexual (FALEIROS & FALEIROS, 2008, p. 36).

Já a violência física, e aquela em que a criança ou adolescente traz em seu corpo as marcas deixadas pelos agressores. Estes, na maioria, sendo pessoas próximas como pai, mãe, familiares, amigos, vizinhos. Segundo Faleiros & Faleiros (2008, p. 35)

A violência física contra crianças e adolescentes é uma relação social de poder que se manifesta nas marcas que ficam principalmente no corpo, machucando-o, causando-lhe lesões, ferimentos, fraturas, queimaduras, traumatismo, hemorragias, escoriações, lacerações, arranhões, mordidas, equimoses, convulsões, inchaços, hematomas, mutilações, desnutrição e até morte.

Outra violência que deixa marcas muitas vezes irreparáveis é a violência sexual, ela viola direitos já adquiridos, destrói sonhos, desestrutura tanto a criança como a família, traz muitos problemas psicológicos e físicos. Levando muitas vezes a vítima ao óbito. Vimos que esta violência e outras violências acontecem de diversas maneiras, em determinados momentos e em diversas situações e em vários contextos.

Faleiros & Faleiros diz que a violência sexual é uma violação dos direitos humanos:

Este tipo de violência caracteriza-se como uma violação dos direitos humanos universais e dos direitos peculiares à pessoa em desenvolvimento: direito à integridade física e psicológica, ao respeito, à dignidade, ao processo de desenvolvimento físico, psicológico, moral e sexual sadio e à proteção integral. A violência sexual no âmbito familiar é uma violação ao direito à sexualidade segura e à convivência familiar protetora. (FALEIROS & FALEIROS, 2008, p. 38).

Notamos que constantemente aparecem casos de violências na mídia, muitos deles causados por babás, cuidadoras, empregados domésticos e outros que agridem crianças. Quando percebidos indícios dessas violências geralmente o profissional docente pode supor que se trate de violência familiar, mas sabemos que violência familiar se diferencia da violência doméstica pelo fato de que a violência doméstica se dá no lar, e independe quem comete a violência. Já a violência familiar se dá através dos laços familiares.

Conforme Faleiros & Faleiros (2008, p.50):

É importante distinguir a violência doméstica da familiar. A violência doméstica refere-se ao lugar onde ela ocorre na casa, no lar; a violência familiar se refere à natureza dos laços parentais que unem as vítimas e os autores da violência. Portanto não são sinônimos.

Os autores ainda ressaltam e diferenciam essas violências, como direcionadas a pessoas que não são da família, ou aquelas que acontecem no meio familiar e que muitas vezes são reconhecidas como algo educativo que vai ajudar na educação da criança. Faleiros & Faleiros destacam que:

Na violência doméstica podem viver e ser violentadas pessoas que não são da família, como empregadas domésticas e agregados. A violência familiar pode ocorrer entre cônjuges, entre pais e filhos, entre irmãos, com parentes idosos, habitantes ou não da mesma casa. Familiares podem odiar e ser violentos a muitos quilômetros de distância ou vivendo sob o mesmo teto. São exemplos disso o pai que nunca reconheceu o filho, o filho que sequer conhece o pai, a mãe separada do marido que não deixa os filhos verem o pai, filhos e pais que se agridem verbal ou fisicamente (FALEIROS & FALEIROS, 2008, p. 50).

Destacamos que estes tipos de violências não se esgotam, por ser algo problemático, polêmico e sua discussão de extrema importância.

2.5 Formação de educadores

Sabemos que a escola deve ser promotora de condições e garantias dos direitos das crianças, pois é nela que além de educar, deve ser o lugar de proteção ao indivíduo. E os profissionais que ali trabalham devem ser capazes de proteger, oferecer certa segurança e não compactuarem com as agressões sofridas pelas crianças, denunciando, buscando junto da escola soluções para esse problema, além disso, conforme o estatuto da criança e do adolescente indica infrações administrativas para aqueles profissionais que omitem informações sobre essa violência:

Art. 245. Deixar o médico, professor ou responsável por estabelecimento de atenção à saúde e de ensino fundamental, pré-escola ou creche, de comunicar à autoridade competente os casos de que tenha conhecimento, envolvendo suspeita ou confirmação de maus-tratos contra criança e adolescente: Pena – Multa de três a vinte salários de referência, aplicando-se o dobro de reincidência (p.93-94).

Entretanto, para que esses profissionais possam compreender e reconhecer os indícios dessas violências é necessário uma boa formação com ações participativas da secretaria de educação, escola, família. Nessa direção, Ando e Feldmann (2013, p.4) ressaltam que:

[...] a implantação de ações de formação continuada para profissionais da educação, sobre o tema violência doméstica contra criança, é imprescindível. Apesar da problemática da violência doméstica ser um tema emergente no contexto educacional, muitas escolas não priorizam ações de formação continuada, de participação em cursos ou mesmo palestras sobre o assunto.

É de suma importância a formação de professores sobre indícios de violências, pois como nos mostram alguns dados é muito alto o número de casos de violências contra criança e adolescente no Brasil. Conforme Assis:

Em todo o país, foram registradas 12.473 notificações de violência doméstica, sexual e outras violências contra crianças menores de 10 anos no ano de 2010. Deste total, ocorreram 1.797 notificações entre menores de 1 ano e 10.682 na faixa de 1-9 anos. Considerando-se todas as faixas etárias, obteve-se um total de 73.794 notificações (16% referentes a crianças) (ASSIS et al. 2012 p. 2307)

Com isso podemos constatar que o professor irá se deparar com situações em que ele terá que tomar providências necessárias para o bem estar de seus alunos. Providências estas que ele só poderá tomar se tiver uma formação adequada. Pois, percebemos as inúmeras situações que se dão nos espaços escolares, não somente as que dizem respeito aos conhecimentos formais, mas também para aquelas adversidades que vem do exterior para o espaço escolar. Ainda, conforme Ando e Feldmann:

Na atualidade observa-se que não basta o docente ser perspicaz com os saberes de sua disciplina, se não for capaz de lidar com os sentidos significativos sociais e humanos da vida cotidiana dos alunos. O professor se depara no contexto escolar, com atos tensos, como violência, indisciplina, drogas e muitos outros, que exigem mobilização de conhecimentos, valores e atitudes na busca permanente da interpretação e da reinterpretação dessas situações (ANDO E FELDMANN, 2013, p. 329).

Conforme algumas pesquisas já realizadas sobre como os professores identificam os indícios de violências contra crianças e adolescentes nas escolas e como estes fazem os encaminhamentos necessários, observamos que muitos professores conseguem perceber algumas modalidades de violências sofridas por alguns alunos. Porém, ainda há um desconhecimento de como se deve encaminhar ou proceder quando se consegue observar uma situação de violência. Uma dessas pesquisas, como a de Vastostello (2003) nos mostra dados importantes em relação aos encaminhamentos que são dados quando se tem conhecimento dos processos de violência na escola:

Os resultados indicaram que estes profissionais conseguem identificar várias situações e características de maus tratos domésticos, mas não são capazes de solucionar adequadamente estes casos, pois procuram orientar os pais em vez de encaminhá-los aos serviços de proteção à criança e ao adolescente (VASTOSTELLO et al, 2003, p. 191).

Nessa perspectiva se faz necessário um conhecimento prévio de como proceder, de como o professor deve agir para que não aconteça uma violação maior deixando a criança ou adolescente em vulnerabilidade maior.

Vastostello (2003) também situa que:

Ao convocar a família, a escola pode estar alertando o agressor para a visibilidade de seu ato e, em certa medida, estimulando-o a acionar mecanismos mais ardilosos de dissimulação da agressão, tais como provocar lesões em regiões corporais menos evidentes (costas, peito, barriga) ou, ainda, fazer uso maciço da violência psicológica (ameaças) para coagir a vítima a se calar (VASTOSTELLO et al, 2003, p. 195).

Nesse sentido, pode-se considerar que um encaminhamento equivocado, pode ser um impulsionador para uma mudança de postura de quem comete o ato de violência.

Com essa constatação, é coerente falar que não só o professor deve ser envolvido nas formações continuadas oferecidas pela secretaria de educação contra violência, mas todos os profissionais da educação que fazem parte da dinâmica do espaço escolar.

Conforme Vastostello (et al, 2003, p. 193) constatamos através dos dados nas pesquisas sobre o assunto que há um percentual significativo de diretores sem conhecimento sobre o assunto e que esses profissionais desconhecem centros de estudo sobre o tema: “Entre todos os sujeitos deste estudo, apenas 01 (um) diretor

demonstrou conhecer um centro de preparação de profissionais para identificação e prevenção de maus tratos domésticos”.

Em torno dessa problemática observamos que as ações das Secretarias de Educação na formação de educadores com relação à questão da violência são poucas, e ainda devido ao fato de observamos nas pesquisas atualmente/citados que os profissionais desconhecem ou não tem muitas informações sobre como proceder de fato nos encaminhamentos dos casos que surgem nas suas instituições. Porém, essa constatação se dá mediante os estudos realizados em diversas localidades do País. Com isso concordamos com Andrea Rettig Nakayama (2011), com base em BARRETO, (2006) ao destacar que para uma formação significativa é necessário que seja uma formação permanente:

Para que o processo de formação possa de fato fazer diferença nas práticas docentes, ela deve também ser uma formação permanente, ou seja, um processo constante de acompanhamento das práticas, preferencialmente de forma regular e constante. Entretanto, quando organizados de modo a contemplar os questionamentos, dificuldades e angústias dos/as docentes, estes momentos pontuais passam a ser fundamentais. (NAKAYAMA, 2011, p. 128)

Entendemos que a formação continuada é um momento muito significativo para os educadores, como para toda a comunidade escolar, pois os mesmos estarão tendo a sua disposição elementos necessários para utilizar nas situações de enfrentamento, bem como em outras situações que venham surgir. Essa formação levar a esses profissionais a uma reflexão e um maior discernimento quanto às ações que devera tomar quando assim for necessário.

3. Metodologia e análise de dados

Para que o processo de pesquisa tenha coerência é necessário falar que se opta por uma abordagem de pesquisa qualitativa e de caráter exploratória e descritiva, mediante estudos bibliográficos, análise documental e realização de entrevistas. Severino destaca e diferencia pesquisa quantitativa e qualitativa e metodologia quantitativa ou qualitativa:

Quando se fala de pesquisa quantitativa ou qualitativa, e mesmo quando se fala de metodologia quantitativa ou qualitativa, apesar da liberdade de linguagem consagrada pelo uso acadêmico, não se está referindo a uma modalidade de metodologia em particular. Daí ser preferível falar-se de abordagem quantitativa, de abordagem qualitativa, pois, com estas designações, cabe referi-se a conjuntos de metodologias, envolvendo, eventualmente, diversas referências

epistemológicas. São várias metodologias de pesquisa que podem adotar uma abordagem qualitativa, modo de dizer que faz referência mais a seus fundamentos epistemológicos do que propriamente a especificidades metodológicas (SEVERINO, 2007, p. 119).

Em relação ao fato da pesquisa ser de caráter exploratório, Severino (2007 p. 123) destaca que a pesquisa exploratória “busca apenas levantar informações sobre um determinado objeto, delimitando assim um campo de trabalho, mapeando as condições de manifestações desse objeto”. Este tipo de pesquisa propicia ao investigador conhecimentos mais aprofundados dando autonomia para questionar e explorar a temática com mais propriedade.

Também, ao fazer um estudo no contexto do GRUPO EMFRENTE em São José, para melhor entendimento e conhecimento do que acontece no grupo de docentes que o desenvolvem e participam entendemos que a presente pesquisa se caracteriza como descritiva, pois dará uma visão mais apurada e minuciosa do mesmo. Triviños (2010, p. 110) relata que: “O estudo descritivo pretende descrever “com exatidão” os fatos e fenômenos de determinada realidade”. Ao utilizar o estudo descritivo iremos buscar no grupo informações que vão mostrar dados mais expressivos para pesquisa.

Pensando nos tipos de procedimentos que se utiliza nesta pesquisa, optamos por questionários, duas entrevistas e sua gravação junto à Coordenadora do Programa EMFRENTE, e a utilização de documentos orientadores e legais.

Em relação à pesquisa documental, ressalta-se a importância da documentação como fonte de pesquisa: “No caso da pesquisa documental, tem-se como fonte documentos no sentido amplo, ou seja, não só de documentos impressos, mas, sobretudo de outros tipos de documentos, tais como jornais, fotos, filmes, gravações, documentos legais” (SEVERINO, 2007 p. 122).

Esse autor também vem indicando algumas práticas que nos dão subsídios para obtenção de dados para a pesquisa como a entrevista estruturada:

São aquelas em que as questões são direcionadas e previamente estabelecidas, com determinada articulação interna. Aproxima-se mais do questionário, embora sem a impessoalidade deste. Com questões bem diretas, obtém, do universo de sujeitos, respostas também mais facilmente categorizáveis, sendo assim muito útil para o desenvolvimento de levantamentos sociais (SEVERINO, 2007, p. 125).

Também será realizado o estudo bibliográfico por se entender que este estudo leva o pesquisador a ter mais embasamento teórico para o fortalecimento de sua pesquisa, tendo em vista que precisara de elementos concretos para defender sua problematização.

Segundo Severino (2007 p. 122) “A pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc.”. O autor ainda salienta que: “Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos”.

A proposta inicial da pesquisa era conhecer as ações da Secretaria da Educação, do Município de São José e como estavam chegando às escolas para lidar com a violência. Nessa Secretaria de Educação do Município a aproximação inicial ao foco da pesquisa se deu junto a uma das coordenadoras do GRUPO EMFRENTE.

O desenvolvimento da pesquisa aconteceu na Secretaria de Educação do Município de São José, com uma entrevista a qual contou com a participação de uma das coordenadoras do GRUPO EMFRENTE gravada em áudio que em seguida foi transcrita no caderno de campo. Também para coleta de dados foram analisados documentos fornecidos pela profissional da SME e acesso a dados disponibilizados em um *blog*, rede social e *facebook* com informações do Projeto EMFRENTE⁵

Para nortear as análises documentais e das entrevistas foram levantados alguns questionamentos que para melhor compreensão foram divididos em três blocos de perguntas:

Em relação aos objetivos, programas e políticas públicas que foram destacados:	Quais os objetivos do EMFRENTE?
	Para esta secretaria, órgão, quais são as demandas de estudar e enfrentar violência no contexto das escolas de São José?
Nas ações e projetos desenvolvidos pelo grupo	Existem programas ou políticas públicas desta secretaria, ou que estejam envolvidas, para as escolas da rede voltadas ao problema da violência doméstica?
	É de seu conhecimento se outras secretarias ou órgãos municipais estão também envolvidos com projetos, programas ou políticas acerca da questão?

⁵ Material disponível em: < <http://emfrentepmsj.blogspot.com.br/2012/06/teste-noticias.html> >
Acessado em abril de 2014.

	Como você avalia as ações até agora desenvolvidas por esta secretaria?
	Existem novos projetos neste sentido?
	Você gostaria de falar mais alguma coisa sobre esta questão?
Em relação às informações e formação dos profissionais	Como acontece a troca de informações com os professores que chegam novos no projeto EMFRENTE?
	Quais procedimentos são utilizados para o planejamento dos encontros?
	Como se dão os encaminhamentos das questões discutidas no EMFRENTE?
	Quem são os participantes da formação docente realizada pelo Grupo EMFRENTE? Com que frequência essa formação acontece?
	Esta secretaria já promoveu ou promove (nos últimos 5 anos) formação de professores de educação básica com esta temática? Por favor, explique a formação desenvolvida. (posso ter acesso ao projeto?)
	Esta secretaria já promoveu ou promove (nos últimos 5 anos) ou promove ações na escola voltadas para a questão da violência doméstica? Quais? Como funciona? Por favor, explique.

Fonte: Elaborado a partir da pesquisa (2013)

4. Apresentação e análise do processo e do resultado da pesquisa

Para falar sobre as ações que a Secretaria da Educação oferece para os professores que trabalham no município de São José, destacamos que foi realizado um estudo do *Blog* do grupo EMFRENTE, o qual nos traz algumas informações sobre as parcerias que o grupo tem com outros órgãos competentes como o DEPCAMI (Delegacia de Proteção à Criança, ao Adolescente, a mulher e ao idoso), Conselho Tutelar, DANT (Doenças e Agravos Não Transmissíveis), trazendo questões pertinentes para os debates e orientações dos profissionais.

No *blog* além de indicações de leituras, bibliografias, informes, dicas de filmes, encontramos comentários e apresentações em *slides* de algumas das parcerias do grupo, trazendo explicações importante ao grupo do EMFRENTE. Como a apresentação dos conselheiros tutelares que trouxeram explicações sobre o que é o APOIA (Aviso por Infrequência do Aluno) que é um instrumento para comunicar a evasão escolar, que se dá para crianças e adolescentes com faixa etária entre 4 a 17 anos de idade e como é processo de encaminhamento. Quantas faltas o professor tem que comunicar a direção escolar, e como a escola deve agir antes de chamar o conselho tutelar, como o conselho toma as providências até chegar a última instância que é o Ministério Público.

Nestes momentos percebemos o quanto é importante essas informações, tanto para os educadores como para toda a comunidade escolar. Para que estes possam estar cientes que podem ter meios de pesquisas, bem como ter outras informações e ajuda de órgãos ligados a justiça como DEPCAMI e o DANT ligado a saúde.

Também foi realizada uma entrevista com uma das Coordenadoras do Grupo EMFRENTE para possibilitar uma leitura mais ampla acerca do tema aqui abordado.

O relato da coordenadora do GRUPO EMFRENTE foi fundamental para revelar às implicações que as violências trazem no ensino-aprendizagem de crianças e adolescentes. Destacamos que a entrevista foi semi - estruturada e realizada nas dependências da secretaria de educação no município de São José. Ela pontua várias questões referentes ao GRUPO EMFRENTE, como por exemplo: dados pessoais (nome, idade), trabalhos desenvolvidos, ações tanto no grupo, como com os encaminhamentos para rede. No EMFRENTE existem três coordenadoras, sendo duas psicólogas e uma pedagoga. Todas foram efetivadas através de um concurso público em 2000.

A partir da fala da coordenadora observou-se que nenhuma delas tinha tido contato anteriormente com a rede municipal. Conquistaram espaço para trabalhar com crianças e adolescentes violadas e perceberam a precariedade da rede no município de São José como em outros lugares que não só a rede. Desde então, iniciou-se um trabalho de psicologia dentro da secretaria na área da educação.

Somos efetivas, a gente acessou a prefeitura num concurso que houve para ingresso na secretaria de educação em 2000. E nesse concurso, em 2001 nós fomos lotadas. Então naquela ocasião na cidade da criança. Ali naquele local foi o primeiro contato que a gente teve com a rede e era uma proposta que naquela ocasião visava atender crianças especificamente, exclusivamente crianças que foram violadas que tiveram seus direitos violados. Ou pela inclusão no trabalho precoce, ou por serem vítimas de algum tipo violência, ou pela negligência de familiares, ou mesmo do próprio estado com relação à própria família. Então, naquele momento nós tivemos a possibilidade de trabalhar junto à secretaria de assistência social e começar ali uma articulação de uma rede que é bastante precária não só em São José como a gente percebe em outros lugares. E desde então, a gente já vem fazendo essa interlocução psicologia dentro da educação e fora do espaço da educação articulando com outros serviços também e não só da psicologia. (Alice⁶ - Dados de pesquisa, 2013)

⁶ Os nomes dos profissionais foram preservados, portanto os nomes situados na pesquisa são fictícios.

Com relação aos programas e políticas públicas que estão voltadas para as escolas e para os problemas das violências observamos que se dá com o início do GRUPO EMFRENTE. Conforme a entrevistada, o grupo surgiu com objetivo principal de instrumentalizar os professores:

Instrumentalizar os professores com relação aos indícios de uma violência para orientá-los no encaminhamento e no manejo posterior a denúncia. Além disso, a gente busca identificar os agentes da rede de apoio de proteção às crianças e adolescentes vítimas de violência e trazê-los para esse debate a respeito das formas com que a gente pode ter de atuação no enfrentamento dessas violências em São José. (Alice - Dados de pesquisa, 2013)

Importa salientar que o grupo surgiu de uma necessidade de trabalhar as especificidades da violência doméstica e seu impacto na educação. Em 2010 iniciaram-se os trabalhos com as instituições de ensino fundamental e em 2011 com a educação infantil. A partir daí foi instaurada a portaria 809/2011⁷, datada de 31/3/2011, instituindo o grupo e iniciaram-se as reuniões mensais convidando as representações de escolas da Rede Municipal de São José à participação nas discussões acerca do assunto. Ressalta-se que durante o trabalho com a educação infantil percebe-se mais claramente a constatação da existência de algum tipo de violência. De acordo com a entrevistada, todas as gestões até o momento apoiaram o programa e disponibilizaram o que foi necessário para a realização do mesmo.

Questionamos também sobre a existência de outros programas ou políticas públicas da Secretaria sobre a questão das violências que estejam envolvidas com as escolas da Rede Municipal. Verificou-se que não há nenhum outro programa ou política pública.

Na atualidade o grupo atua e envolve os profissionais da escola, como evidencia a coordenadora:

Cada instituição de ensino recebe uma convocatória no início do ano para que designe dois profissionais, um por período, para participação nos encontros do grupo. [...] a função de um agente de referência, mas em suma é o profissional que já é da escola e que não agregará no sentido mais uma função para ele, não, não é mais uma função a situação já está dada ele só vai ter um instrumental melhor para poder lidar com aquilo que já está posto. É o que conseguir identificar melhor, ter subsídio teórico para discutir algumas questões. A orientação a partir daqui da própria secretaria com relação a encaminhamentos possíveis, articulação com a rede de

⁷ Material disponível em: < <http://www.slideshare.net/AnaBrasil1/apresentacao-emfrente> > Acessado em abril de 2014

apoio que a gente leva para os encontros. Temos um encontro a cada mês, geralmente na última quinta feira de cada mês. A proposta desses encontros ele está em caráter de formação, então ao final do ano letivo eles tem um certificado proporcional ao número de horas é que participaram e a ideia de um agente em cada período a gente denomina agente de referência não no sentido de ele carregar a escola nas costas com relação a temática violência, mas a ele ser uma referência por período e um multiplicador aos demais colegas. (Alice - Dados de pesquisa, 2013).

Apesar da Rede de ensino oferecer aos profissionais da educação um curso de formação abordando o tema violências ainda se percebe uma passividade dos profissionais da educação, pois pelo relato da coordenadora é necessária uma convocatória para as escolas para os educadores se fazerem presentes.

A entrevistada explica que esse profissional da escola não precisa ser exclusivamente um professor, pois todos da instituição são considerados educadores, e destaca a importância de ter dois profissionais das instituições um em cada período do dia.

Não importa se ele é auxiliar de educação especial, se ele é o diretor, se ele é especialista, se ele é o professor, isso indefere para nós. A gente vê todos na função de educador, então às vezes acontece de uma instituição tem uma pessoa num período só e não vem no outro período e a gente percebe que já aconteceram situações de vir à tona uma situação num momento e o agente de referência não está. E aí como que a gente pode fazer então? Fazer contato com a secretaria de educação não é sempre que a gente pode estar presente naquele horário, ou com um olhar atento pra acompanhar regularmente uma situação, então por isso a importância do profissional nos dois períodos. (Alice - Dados de pesquisa, 2013).

Observando acima o relato da coordenadora consideramos que a forma no qual é integrado e visto o profissional que participa do grupo é uma estratégia de grande valor por considerar que todos que estão na escola são de certa forma responsável pela educação formal do educando, e que a presença deste profissional talvez possa reverter uma situação de risco que se apresente no momento.

Continuando, perguntamos se a Secretaria de Educação promoveu cursos de formação nos últimos cinco anos. Observamos segundo o relato que neste último ano houve uma diminuição dos cursos de formação, devido à troca de gestão.

[...] na última administração houve uma diminuição com relação à formação a gente pode enfatizar é a Semana da Educação de São José que acontece todos os anos, e este ano frente à mudança da administração e a necessidade de se organizar a partir também das pendências que ficaram da administração anterior não foi possível fazer a semana da educação, mas é a própria secretaria que assumiu

recentemente já está assim agilizando que for necessário e viável para ano letivo seguinte. (Alice - Dados de pesquisa, 2013)

A entrevistada salienta ainda que o projeto EMFRENTE está no âmbito de formação, mas que existem as formações de área específica, porém essas não atendem a todos os profissionais e que para ela ainda há muito o que fazer como por exemplo, ampliar a formação para mais docentes da rede:

O EMFRENTE é uma das formações que vem já acontecendo, isso eu já posso te confirmar e tem as formações específica por área da educação infantil, da educação de jovens e adultos, do setor de educação especial. Mas, assim que atenda a todos nesse momento a gente está, quer dizer já estivemos mais à frente. Vamos dizer. Acredito que a gente tem perspectivas boas para o próximo ano.

A entrevistada ressalta também que com o estudo da temática *violência* o grupo promoveu uma oficina na Semana da Educação atendendo assim, um público que não o agente de referência:

Com essa temática específica nós temos o EMFRENTE, e nas semanas da educação⁸, o EMFRENTE no ano passado pela primeira vez promoveu uma oficina dentro da semana da educação para a identificação e encaminhamento dos indícios de violência. Então nós atendemos o público que não era o agente de referência. Começando a multiplicar diretamente a partir da coordenação, senão só do agente de referência. (Alice - Dados de pesquisa, 2013).

Em relação às ações desenvolvidas nas escolas pela Secretaria da Educação voltadas à questão da violência doméstica a entrevistada ressaltou que a partir do dia 18 de maio, dia mundial do combate à violência sexual⁹ foram promovidas algumas ações com parcerias:

[...] então, por exemplo, algumas das ações que nós temos: dia 18 de maio a data de combate à violência sexual contra criança e adolescente é uma data mundial. Então assim, é que este ano nós fizemos uma parceria entre secretaria de educação, secretaria de saúde, guarda municipal de São José e foi feito panfletagem, palestra aberta aos professores, passeatas nas ruas com representatividade da secretaria da educação, realizamos oficinas em instituições de ensino em menção àquela data e para problematizar essa questão da violência a partir da própria data. Que fosse mobilizador de discussões que já vem acontecendo por meio do próprio EMFRENTE. (Alice - Dados de pesquisa, 2013).

Ao ser questionada sobre se há outras secretarias ou órgãos municipais envolvidos nos projetos, programas ou políticas voltadas à escola ela indica que há várias parcerias:

⁸ Curso de formação voltado para o aprofundamento dos professores. Disponível em: <<http://www.semanadaeducacaosj.com.br/noticia/carta-as-familias>> Acessado em maio de 2014.

⁹ A entrevistada indicava esse dia como um das atividades do projeto.

Assim, com relação à escola nós temos a secretaria da educação, nós temos as parcerias então, por exemplo, assim. Na secretaria de saúde a questão da suspeita de algum tipo de violência, não só contra criança e adolescente, mas ela é de notificação compulsória. Então a própria secretaria de saúde vem nos apresentando os dados a partir da notificação que é feita, inclusive, até nós precisamos levantar alguns dados referentes a São José. Eles têm isso sistematizado por um programa de uso nacional. Isso nos falta na educação infelizmente. Mas isso é algo que é de caráter nacional na saúde. Um sistema de notificação que é possível organizar as informações de forma a poder visualizar esse cenário. (Alice - Dados de pesquisa, 2013).

Ao se referir sobre a existência de novos projetos voltados à violência doméstica contra as crianças ressaltou que o grupo tem a intenção de ampliar a intervenção voltada a essa temática:

Com relação da violência? Então assim. É, faz duas ou três semanas que houve uma mudança no secretariado, no caso especificamente da educação e já nos procuraram para verificar a possibilidade de ampliação do olhar do EMFRENTE pra essa questão da violência à gente esta estudando se vai ser via EMFRENTE ou não, mas o que se verifica é o interesse em ampliar a intervenção voltada a essa temática num olhar mais amplo não só a violência contra criança, mas, por exemplo, as violências que interferem dentro de sala de aula, que acontecem também contra professor. É a necessidade de trabalhar com os pais quem sabe retomar ou reorganizar o que nós conhecíamos de escola de pais. (Alice - Dados de pesquisa, 2013).

Quando é perguntado se ela gostaria de falar mais alguma coisa do grupo EMFRENTE ela ressalta que o que ainda não foi possível foi o desejo de toda a rede.

O nosso grupo infelizmente a gente não conseguiu a adesão da rede toda ainda. Coloco ainda é que, primeiro porque a gente sabe que tem a dificuldade de se ausentar da própria instituição de ensino, não é? Eventualmente acontece a questão de falta de professor, não é de falta é de possibilidade de, por exemplo, de coincidir com o conselho de classe ou algo do tipo. Então, nem sempre algumas instituições que já são parceiras conseguem se fazer presente, mas também existem aquelas que nunca estiveram presentes e a gente já precisou fazer algumas chamadas e eventualmente ouvimos também questões do tipo, mais ninguém se identifica com este tema, ninguém gosta desse assunto [...] A questão é, o problema está aí, basta a gente abrir os olhos para olhar. A gente não está puxando e trazendo algo que não já, que não esteja posto não, bem pelo contrário. Então, o que a gente pede inicialmente é que seja alguém que tenha identificação e a facilidade em lidar com o tema. É claro que a gente sabe que independentemente das experiências pessoais e do perfil do profissional tem pessoas que têm mais facilidades do que outras que tem menos em lidar com essa temática. (Alice - Dados de pesquisa, 2013).

Referindo-se ainda a essa questão ela nos traz uma referência de como poderiam ser os encaminhamentos, ações do grupo na escola:

[...] E a questão é que daí então as instituições pensaram vamos além das atas, além dos blogs, além do folder o que mais que a gente pode fazer para mostrar a cara do trabalho que está sendo feito. Então nós pensamos numa colcha de retalhos itinerantes, a ideia era registrar os encontros por meios de retalhos que fossem produzidos pelo próprio grupo, então em cada encontro algumas pessoas se dispõem a fazer o registro, então, por exemplo, ah!! Teve uma visita do conselho tutelar vamos registrar a fala do conselho tutelar, não escrevendo mais por meio de uma figura, por meio de uma frase, por meio de uma pintura, que alguém olhe para aquilo e pense: Que será que era? O que eu perdi? E esse registro, ele não é para ser feito sozinho pelo agente de referência lá trancado na sala dele, mas que envolva a escola. Olha, nós temos uma função de fazer o registro, então vou falar para vocês o que a gente trabalhou e vocês vão me ajudar nesse registro ou junto com as crianças. (Alice - Dados de pesquisa, 2013).

Conforme as necessidades de esclarecimentos foram se fazendo outros questionamentos para a coordenadora. Então foi perguntado se ela poderia dizer quantas instituições já estavam no programa. Ela nos revelou que em média já se faziam presentes uma representatividade de 70 a 80% da rede principalmente dos CEI's (Centro de Educação Infantil).

A gente tem hoje uma adesão, eu posso te falar de aproximadamente de 70 a 80 por cento. [...] principalmente dos CEI's né. Assim a grande maioria dos CEI's tem participado. (Alice - Dados de pesquisa, 2013).

Quando fizemos referência ao ensino fundamental, em que muitas vezes os indícios de violência são encobertos e perguntamos como eles lidam com isso, ela nos traz que é preciso ter um olhar atento para a situação por parte dos professores, olhar que precisa ser trabalhado juntamente pelo agente referência da escola, o qual participa do grupo EMFRENTE:

A questão é, a gente diz assim, a gente precisa ter um olhar atento, para observar o que está sendo mostrado indiretamente, uma escuta atenta para perceber aquilo que está sendo dito e principalmente o que não está sendo dito. É uma fala cuidadosa para não acarretar em mais uma violência. (Alice - Dados de pesquisa, 2013).

A coordenadora também nos diz que é preciso que o educador fique atento aos indícios de violências que aparecem e que eles têm um grande problema devido às mudanças no quadro de professores.

É principalmente na instrumentalização do educador para ficar atento aos indícios, isso é uma das coisas que a gente tem batido em cima constantemente. Até porque a gente tem um dificultador que é a mudança do quadro de professores então assim, você trabalha todo um ano com um grupo infelizmente a gente não quer dizer assim: Ahh! Venham só os efetivos, porque a gente iria restringir a nossa ação não é. E ao mesmo tempo nós temos profissionais que

trabalham temporariamente que são excelentes, que estão disponíveis, e que trabalham muito bem. Então, a gente não faz essa distinção, entretanto a gente sabe que o efetivo o ano que vem teria condição de dar continuidade ao trabalho. Ai, o que a gente percebe é acabou o ano a gente tem uma equipe praticamente nova, você precisa retomar alguns pontos ao invés de poder seguir mais adiante com a temática, mas todo ano a gente trabalha os indícios isso é fato. (Alice - Dados de pesquisa, 2013).

Quando foi perguntado sobre como se dão os encaminhamentos das questões discutidas nos grupos, ela nos diz que:

Bom, primeira questão; hoje a gente tem o conselho tutelar participando dos encontros. Então temos um momento, é, dependendo do tempo que se estende às palestras, eventualmente a gente consegue fazer o estudo de caso dentro do próprio encontro, se não os profissionais nos procuram para orientação na queixa escolar, que é como a gente chama as que são voltadas ou não para a questão de violência. Então, muitas vezes quando não é discutido dentro da própria reunião no grupo em frente, ou é situação que precisa de um sigilo específico a escola faz contato, agente marca o encontro, faz o estudo do caso, delibera o que pode ser encaminhado via secretaria municipal de educação, via instituição de ensino, busca os parceiros ou conselho tutelar, ou a secretaria de assistência ou a delegacia, e a partir daí encaminha. Posteriormente a isso, a coordenação do EMFRENTE monitora o que já está sendo feito, e na necessidade a gente retorna. (Alice - Dados de pesquisa, 2013).

Conforme perguntamos sobre como ela avalia as ações do grupo, nos contou que o retorno está sendo muito gratificante.

Bom, tendo em vista que já está desde 2010, nós já tivemos ações em instâncias diversas, de que forma: a gente está conseguindo uma disseminação é, das ideias desse grupo, nas unidades de ensino, tínhamos uma participação bem restrita, hoje a gente já tem praticamente quase todas as intuições de ensino representadas. (Alice - Dados de pesquisa, 2013).

Também relatou que todos que tem participado estão se mostrando bem ativos:

[...] aquelas que têm participado, têm feito da melhor forma possível estão bastante atuantes, principalmente os centros de educação infantil, têm feito trabalhos assim extraordinários, levando aquilo que é discutido no grupo, ou diretamente para os seus alunos, ou para os educadores que também atuam com essas crianças. Então, percebemos o que eles tem feito por meio dos relatos, dos depoimentos nos encontros, nas visitas que a gente faz nas instituições de ensino, e tem condição de conferir, que de fato as coisas estão acontecendo, para nós o retorno tem sido é muito gratificante, mais que satisfatório, tem sido mesmo de acordo com que a gente vinha pretendendo, desde o início. A nossa ideia é ter mais espaço para que essas ações realmente possam se expandir pela rede, dentro das instituições. (Alice - Dados de pesquisa, 2013).

4.1 O GRUPO EMFRENTE na concepção dos educadores participantes/sujeitos da pesquisa

Também no desenvolvimento da pesquisa foi realizado um questionário com profissionais da educação que participam do grupo EMFRENTE. Esse questionário foi apresentado aos profissionais de educação, que ao participar do grupo passam a atuar na escola como agente de referência. Em um dos encontros do grupo no qual apresentei minha proposta em seguida foi entregue o termo de consentimento de sua participação. Alguns profissionais acharam “mais viável” o envio do questionário por correio eletrônico e outros preferiram que fosse entregue em mãos e digitalizados. Os questionários que foram enviados por endereço eletrônico foram encaminhados para a coordenadora do GRUPO EMFRENTE a qual, encaminhou para os *e-mails* das/os profissionais. A partir desse encaminhamento obtivemos retorno de seis (6) profissionais, três da educação infantil e três do ensino Fundamental, conforme apresentamos o seu perfil no quadro a seguir:

Quadro 1 – Perfil dos profissionais que atuam no Grupo EMFRENTE que participaram da pesquisa

Identificação do profissional	Formação	Idade/Anos	Tempo de atuação na rede municipal de São José	Tempo de atuação no grupo EMFRENTE /anos/meses	Área de atuação na rede municipal de educação de São José
Roberta	Pedagogia e Especialização Em Educação	43	7 anos	2º ano	EDUCAÇÃO INFANTIL (auxiliar de ensino)
Nair	Educação Física	29	2 anos	2º ano	EDUCAÇÃO INFANTIL
Leandra	Pós graduada em Ed. Infantil, Séries Iniciais com ênfase em Educação Especial	26	3 meses	2 meses	Ed. Infantil /Auxiliar de Ensino
Marcela	Entregou questionário faltando dados pessoais	68	12 anos	Iniciou em 2014	Orientação
Silvana	Matemática licenciatura	33	5 anos	3 meses	Assessora de direção
Mariana	Especialização (Pedagogia Orientação educacional)	46	10 anos	No ano de 2010 e desde o início de 2014	Orientadora Educacional

Fonte: Elaborado a partir da pesquisa (2014).

O documento de pesquisa apresentado às participantes do curso situavam os seguintes questionamentos:

1.	Como conheceu o Grupo EMFRENTE?
2.	Quanto tempo participa do Grupo EMFRENTE?
3.	Como você vê o grupo?
4.	O que o grupo trouxe para que você se interessasse pelo mesmo? Que ações são

	significativas para sua prática docente e pessoal?
5.	O grupo EMFRENTE atende suas expectativas? Em que sentido? Se não, o que poderiam indicar ao grupo?
6.	Como você age para contribuir no grupo?
7.	Como você avalia as ações do Grupo EMFRENTE?
8.	Como acontecem as trocas de informações Agente de referência / escola?
9.	Como se dão as trocas de informações Agente de referência / escola / Grupo EMFRENTE?
10.	A partir de seus estudos com o Grupo como são os encaminhamentos para escola?
11.	É realizado algum projeto na escola a partir de seus estudos no grupo EMFRENTE?
12.	Quais as práticas e estratégias são utilizadas para os projetos?
13.	Gostaria de relatar mais alguma coisa referente ao Grupo EMFRENTE?
14.	Que outros desafios e demandas oriundas das práticas na escola você indica para que possam ser incorporados pelo Grupo EMFRENTE?

Fonte: Elaborado a partir da pesquisa (2014).

Vimos o quanto foi difícil obter a participação dos profissionais participantes do GRUPO EMFRENTE nesta pesquisa, conforme esclarecido acima a coordenadora encaminhou para alguns profissionais o questionário, porém não tivemos o retorno desses profissionais a partir disso, procuramos entrar em contato com alguns desses agentes de referência. Somente seis profissionais se dispuseram a participar e responder os questionários. Nesses momentos percebemos o quanto é necessário proporcionar discussões e formações, indicando leituras para esses profissionais da educação observem o quanto é importante a participação em pesquisas, pois através delas podemos conhecer e dialogar sobre a realidade das crianças e adolescentes que estão em sua unidade escolar, que podem estar sofrendo ou sendo acometido com algum tipo de violência.

Das profissionais que aceitaram responder ao questionário destacamos que três são da educação infantil (CEI) e três do Ensino Fundamental como já mencionado acima e nenhuma delas são professores regentes de turma. Por entender que o GRUPO EMFRENTE traz em sua concepção de grupo que todos os profissionais que atuam nas instituições são considerados educadores.

Devemos ressaltar que buscamos agrupar as respostas para melhor compreensão da análise. Buscando compreender como se constituíram as respostas das agentes de referência na escola, no contexto do Grupo EMFRENTE, as respostas foram organizadas em um quadro, em que as mesmas foram agrupadas por categorias/questões e sua análise. Assim, apresentamos a seguir as formas de como se deu o conhecimento, participação e expectativa do grupo:

Quadro 2 – Questões apresentadas para respostas pelos profissionais sobre como conheceu o Grupo EMFRENTE da Rede municipal de São José.

Agentes de referencia	Questão: COMO CONHECEU O GRUPO EMFRENTE?
Roberta	Através do CEI a diretora me convidou já que não houve interesse por parte dos professores.
Nair	Por divulgação do próprio grupo nos CEI's quando foram atrás de agentes de referência.
Leandra	Conheci o EMFRENTE através da minha diretora do CEI.
Marcela	Retomando o meu trabalho na rede municipal de São José e já ouvia falar, mas não conhecia o projeto, dois profissionais da instituição faziam parte do projeto, onde obtive maiores informações sobre o mesmo.
Silvana	Através da secretaria de educação.
Mariana	Conheci o grupo através da secretaria da educação de São José. Foi encaminhado as escolas convite para participar.

Fonte: Dados a partir da pesquisa (2014).

Conforme se percebe no quadro acima a maioria dos entrevistados conheceu o projeto através das direções das instituições nas quais trabalham.

Ao ser perguntado sobre como conheceu o grupo a professora Marcela destacou que só tinha ouvido falar do projeto: “Retomando o meu trabalho na rede municipal de São José e já ouvia falar, mas não conhecia o projeto. Duas profissionais da instituição faziam parte do projeto, onde obtive maiores informações sobre o mesmo” (Marcela – dados de pesquisa, 2014).

Já Silvana e Mariana dizem que conheceram o grupo através da Secretaria da Educação de São José:

Através da Secretaria de Educação de São José (Silvana – dados de pesquisa, 2014).

Conheci o grupo através da secretaria da educação de São José. Foi encaminhado às escolas convite para participar (Mariana – dados de pesquisa, 2014).

Leandra e Roberta destacaram que conheceu o grupo através da diretora.

Conheci o Emfrente através da minha diretora do CEI” (Leandra - dados de pesquisa 2014).

Através do CEI a diretora me convidou já que não houve interesse por parte dos professores (Roberta – dados de pesquisa 2014).

Nair conheceu a partir de divulgação do próprio grupo.

Por divulgação do próprio grupo nos CEI's quando atrás de agentes de referência (Nair – dados de pesquisa 2014).

Mediante os dados entendemos a importância da necessidade de divulgação e conhecimento do grupo, já que observamos através das respostas das profissionais que participaram dos preenchimentos dos questionários a falta de procura dos demais profissionais das instituições a participarem do grupo/ou formação.

Ao perguntar sobre o tempo de participação no grupo. Percebemos que os profissionais que atuam no mesmo, estão no grupo entre um mês a dois anos. Através

desse questionamento entendemos que não há uma regularidade de profissionais, como se evidencia no quadro três.

Quadro 3 – Questões apresentadas para respostas pelos profissionais quanto tempo que participa do Grupo EMFRENTE.

	QUANTO TEMPO PARTICIPA DO GRUPO EMFRENTE?
Roberta, Nair, Leandra, Marcela. Silvana Mariana	Estou no segundo ano. Esse ano é o segundo que participo. Iniciei em 2014, no mês de Março (2 meses) A partir do dia 9 de maio de 2014, fui convidada a participar do EMFRENTE. 3 meses Particpei em 2010 e por motivo de doença tive que me afastar. Retornei este ano ao grupo

Fonte: Dados a partir da pesquisa (2014).

Nair e Rosana já participam há dois anos:

Estou no segundo ano (Roberta – dados de pesquisa 2014).

Este ano é o 2º que participo (Nair – dados de pesquisa 2014)

Marcela, Leandra e Silvana iniciaram no ano de 2014, já Mariana relata que já havia participado do grupo em 2010, mas devido a problemas de saúde precisou sair, retornando ao grupo em 2014.

Quanto à questão sobre *a importância do grupo* vimos que todos os profissionais destacaram o quão importante é o trabalho do GRUPO ENFRENTE, tanto para uma conscientização, como também para a prevenção e combate à violência doméstica. Percebemos isso através da análise do quadro 4.

Quadro 4 – Questões apresentadas para respostas pelos profissionais de como vêem o Grupo EMFRENTE

	COMO VOCÊ VÊ O GRUPO?
Roberta	Vejo como uma forma de divulgar e refletir sobre as violências infantis, bem como auxiliar os educadores no caso de necessitar realizar alguma denúncia.
Nair	Vejo como uma forma de mobilizar as pessoas a conhecer e se conscientizar sobre a temática, que para muitas pessoas como eu, estava muito distante dessa realidade. Este ano estou conhecendo melhor o grupo, pois ano passado eu iniciei em maio e já peguei o grupo caminhando e fiquei sem entender um pouco como funcionava. Tinha visto o grupo apenas como informativo e sem nenhuma utilidade prática. Aos poucos minha visão foi mudando e este ano creio que a organização do grupo está muito melhor.
Leandra	Vejo o grupo como uma referência para combater a violência entre crianças e adolescentes nas instituições de ensino, porque os agentes que participam do grupo trabalham diretamente com crianças e adolescentes.
Marcela	Acho interessantes as discussões que acontecem nos encontros, mas seria muito importante é o trabalho das psicólogas nas instituições, precisaria de mais intervenções nas escolas, e não a escola ficar mais responsável.
Silvana	Como um grupo que trabalha em contra uma das violências mais covardes que existe. Um grupo que é esperança para o fim do sofrimento de inúmeros inocentes. Que faz um trabalho de prevenção, divulgação, campanha para o combate a violência conta crianças e adolescentes.
Mariana	Um grupo unido, atuante, com pessoas preocupadas com as violências nas escolas. Dedicando-se a estudos, planejamentos e aplicação de ações nas U.E.

Fonte: Dados a partir da pesquisa (2014).

Nas indagações respondidas, vimos que Silvana destacou que o grupo é uma esperança para o fim do sofrimento de várias crianças:

Como um grupo que trabalha em contra uma das violências mais covardes que existe. Um grupo que é esperança para o fim do sofrimento de inúmeros inocentes. Que faz um trabalho de prevenção, divulgação, campanha para o combate à violência contra crianças e adolescentes. (Silvana - dados de pesquisa 2014).

Nair vê o grupo como uma forma de mobilização e conscientização:

Vejo como uma forma de mobilizar as pessoas a conhecer e se conscientizar sobre a temática, que para muitas pessoas como eu, estava muito distante dessa realidade. Este ano estou conhecendo melhor o grupo, pois ano passado eu iniciei em maio e já peguei o grupo caminhando e fiquei sem entender um pouco como funcionava. Tinha visto o grupo apenas como informativo e sem nenhuma utilidade prática. Aos poucos minha visão foi mudando, e esse ano creio que a organização do grupo está melhor (Nair – dados da pesquisa 2014).

E Roberta vê o grupo como forma para a divulgação, reflexão que podem levar à denúncia:

Vejo como uma forma de divulgar e refletir sobre as violências infantis, bem como auxiliar os educadores no caso de necessitar realizar alguma denúncia (Roberta – dados de pesquisa 2014).

Já Leandra vê o grupo como uma referência no combate a violência:

Vejo o grupo como referência para combater a violência entre crianças e adolescentes nas instituições de ensino, porque os agentes que participam do grupo trabalham diretamente com crianças e adolescente (Leandra - dados de pesquisa 2014).

Mediante estas três dimensões em relação às contribuições do Grupo, diminuir o sofrimento das crianças, a conscientização das pessoas e colegas de trabalho é o uma forma de combate e denúncia da violência, Marcela também aponta para a importância de se ter uma psicóloga nas instituições:

Acho interessante as discussões que acontecem nos encontros, mas seria muito importante o trabalho das psicólogas nas instituições, precisaria de mais intervenções nas escolas, e não a escola ficar mais responsável (Marcela – dados de pesquisa 2014).

Observando o depoimento acima, entendemos que os profissionais da educação precisam de um suporte que não só das formações, mas que o psicólogo na escola estaria mais próximo desse profissional lhe orientando, lhe dando subsídios para encaminhamentos, pois se entende que o profissional da área da psicologia tem conhecimentos específicos para determinadas situações que possam envolver a

violência, podendo este garantir uma reflexão sobre assunto e uma melhor abordagem, caso o profissional da educação não se esteja preparado.

Já o quadro 5 Apresenta as perguntas, sobre *Ações e interesse pelo grupo*.

Quadro 5 – Questões apresentadas para respostas pelos profissionais do que o grupo trouxe para que se interessassem e as ações significativas para a prática docente

	O QUE O GRUPO TROUXE PARA QUE VOCÊ SE INTERESSASSE PELO MESMO? QUE AÇÕES SÃO SIGNIFICATIVAS PARA SUA PRÁTICA DOCENTE E PESSOAL?
Roberta, Nair, Leandra, Marcela. Silvana Mariana	<p>O primeiro dia no EMFRENTE não foi muito agradável, afinal falar de violência contra a criança não é fácil, mas, percebi que era importante conhecer os caminhos para ajudar qualquer pessoa que venha precisar independente de ser do convívio profissional ou pessoal.</p> <p>Com minha participação no grupo creio que me tornei mais atenta e reflexiva em relação ao tema da violência, contudo, ainda não houve nenhuma ação significativa na minha prática.</p> <p>Porque o grupo debate sobre um tema atual, os palestrantes são excelentes, e quando a gente trabalha com adolescentes ou crianças sempre é bom está informado sobre o tema violência, abuso, maus tratos entre outros. As palestras que são ministradas nos encontros são significativas para a minha prática docente e pessoal.</p> <p>O grupo busca identificar, discutir e articular ações que visem o enfrentamento, a denúncia e o manejo das violências contra crianças e adolescentes no ambiente escolar. Trabalhar + com as famílias.</p> <p>Trouxe a oportunidade de poder participar do combate a essa violência que nos deixa indignados. Proporciona ao agente as informações necessárias para que possamos identificar casos em nossas Unidades Escolares, agir e encaminhar os casos aos órgãos competentes.</p> <p>O grupo trouxe troca de experiências, formação, debates, enfim uma preparação maior para lidar com situações de enfrentamento as violências em nossas escolas.</p>

Fonte: Dados a partir da pesquisa (2014).

Sabemos que para o bom andamento do grupo é necessário o interesse do participante, pois através de várias pesquisas, estudos e reflexões o grupo possa estar se envolvendo e desenvolvendo ações que possam estar colaborando para a prevenção das violências contra crianças e adolescentes. Esse envolvimento quando perguntado sobre as ações e o interesse pelo grupo, Marcela diz que o grupo discute ações para identificar a violência:

O grupo busca identificar, discutir e articular ações que visem o enfrentamento, a denúncia e o manejo das violências contra crianças e adolescentes no ambiente escolar. Trabalhar mais com as famílias. (Marcela – dados de pesquisa 2014).

Leandra destaca que o grupo trabalha com temas atuais e palestrantes excelentes.

Porque o grupo debate sobre um tema atual, os palestrantes são excelentes, e quando a gente trabalha com adolescentes ou crianças sempre é bom estar informado sobre o tema violência, abuso, maus tratos, entre outros. As palestras que são ministradas nos encontros são significativas para a minha prática docente e pessoal (Leandra - dados de pesquisa 2014).

Nesse contexto, Mariana percebe o grupo como unido e atuante:

Um grupo unido, atuante, com pessoas preocupadas com as violências nas escolas. Dedicando-se a estudos, planejamentos e aplicação de ações nas U.E. (Mariana - dados de pesquisa 2014).

Nair relata que sua presença no grupo trouxe-lhe muitas reflexões sobre violência:

Com minha participação no grupo creio que me tornei mais atenta e reflexiva em relação ao tema violência, contudo ainda não houve nenhuma ação significativa na minha prática. (Nair – dados de pesquisa 2014).

Já Silvana, constatou a importância do combate a violência:

Trouxe a oportunidade de poder participar do combate a essa violência que nos deixa indignados. Proporciona ao agente as informações necessárias para que possamos identificar casos em nossas Unidades Escolares, agir e encaminhar os casos aos órgãos competentes (Silvana – dados de pesquisa 2014).

Uma das profissionais relata a sua dificuldade para ouvir relatos sobre violência.

O primeiro dia de EMFRENTE não foi muito agradável afinal falar de violência contra a criança não é fácil, mas, percebi que era importante conhecer os caminhos para ajudar qualquer pessoa que venha precisar independente de ser do convívio profissional ou pessoal (Roberta – dados de pesquisa 2014).

Mariana relata que o grupo prepara para uma maior visibilidade para os enfrentamentos de violências que aparecem nas escolas.

O grupo trouxe troca de experiências, formação, debates, enfim uma preparação maior para lidar com situações de enfrentamento as violências em nossas escolas (Mariana - dados de pesquisa 2014).

4.1.1 Expectativas em relação ao grupo EMFRENTE

Sempre que nos empenhamos em participar de algum grupo, alguma atividade, algum programa, evento, estudo, entre outros, passamos a ter expectativas de melhoras. Esperamos que tudo de certo e que as ações propostas possam estar ajudando na reflexão e mudança de algo que enfrentamos. Desse modo, buscou-se compreender as expectativas das participantes da pesquisa, conforme evidencia o quadro a seguir:

Quadro 6 – Questões apresentadas para respostas pelos profissionais de como Grupo EMFRENTE atendem suas expectativas.

	O GRUPO EMFRENTE ATENDE SUAS EXPECTATIVAS? EM QUE SENTIDO? SE NÃO, O QUE PODERIAM INDICAR AO GRUPO?
Roberta	Aprendi muito com os encontros sobre vários assuntos, estrutura do conselho tutelar, saúde, legislação, os tipos de violência, enfim todos os encontros sempre acrescentaram, porém acredito que deveríamos fazer alguns estudos de caso para nos esclarecer algumas

Nair	dúvidas de como proceder em casos mais específicos. Como ainda estou conhecendo o grupo, acredito que entrei sem muitas expectativas. Vim participar para conhecer, me informar, saber sobre este assunto. Penso que pode haver mais momentos de motivação e autoconhecimento para os educadores, além de como agir em casos de reconhecer a violência na nossa escola.
Leandra	Sim, o grupo atende as minhas expectativas, sobre os temas que são debatidos durante os encontros.
Marcela	Atualmente se o trabalho fosse freqüente em todas as escolas com psicólogas. É de suma importância a presença desse profissional nas instituições para poder atender de melhor forma possível quando das necessidades. Pessoa que passa a trabalhar especificamente sobre o assunto, e até prevenir. Pessoa certa no lugar certo.
Silvana	Responde as minhas expectativas diante da realidade e do entendimento que para tudo existe a burocracia e os procedimentos legais, que o EMFRENTE também tem que obedecer.
Mariana	Sim, o grupo atende as expectativas, pois além de orientações necessárias, estudos realizados, sinto que temos um grupo forte, unido que nos dá um respaldo maior nas situações de violência.

Fonte: Dados a partir da pesquisa (2014).

Com isso, vimos que os entrevistados também mostraram suas expectativas no grupo EMFRENTE.

Leandra destaca que o grupo atende suas expectativas.

Sim, o grupo atende as minhas expectativas, sobre os temas que são debatidos durante os encontros (Leandra – dados de pesquisa 2014).

Roberta que aprendeu muito nos encontros no EMFRENTE:

Aprendi muito com os encontros sobre vários assuntos, estrutura do Conselho Tutelar, saúde legislação, os tipos de violência. Enfim todos os encontros sempre acrescentaram. Porém acredito que deveríamos fazer alguns estudos de caso para nos esclarecer algumas dúvidas de como proceder em casos mais específicos (Roberta – dados de pesquisa 2014).

Nair destaca seu pouco conhecimento do grupo:

Como ainda estou conhecendo o grupo, acredito que entrei sem muitas expectativas. Vim para participar, para conhecer, me informar, saber sobre o assunto. Penso que pode haver mais momentos de motivação e autoconhecimento para os educadores, além de como agir em casos de reconhecer a violência na nossa escola (Nair – dados de pesquisa 2014).

A profissional Silvana relata que mesmo com a burocracia o grupo atende suas expectativas.

Responde as minhas expectativas diante da realidade e do entendimento que para tudo existe a burocracia e os procedimentos legais, que o EMFRENTE também tem que obedecer (Silvana – dados de pesquisa 2014).

Marcela destaca a importância das psicólogas nas instituições escolares:

Atualmente se o trabalho fosse freqüente em todas as escolas com psicólogas. É de suma importância a presença desse profissional nas instituições para poder atender de melhor forma possível quando das necessidades. Pessoa que passa a trabalhar respectivamente sobre o

assunto, e até prevenir. Pessoa certa no lugar certo (Marcela – dados de pesquisa 2014).

Mariana frisa que além de atender suas expectativas o grupo é forte e unido.

Sim, o grupo atende as expectativas, pois além de orientações necessárias, estudos realizados, sinto que temos um grupo forte, unido que nos dá um respaldo maior nas situações de violência (Mariana - dados de pesquisa 2014).

4.1.2 A contribuição do profissional para o grupo.

Ao analisarmos as respostas das profissionais vimos o comprometimento de todas, tanto nas trocas de informações com o grupo, como nas obtenções dessas informações e o repasse para a escola. Bem como, nas propostas que gostariam que acontecesse. Porém, notamos que devido ao pouco tempo no grupo algumas profissionais ainda sentem necessidade de conhecer melhor o grupo e se aprofundar nas temáticas discutidas.

Quadro 7 – Questões apresentadas para respostas pelos profissionais de como o profissional age para contribuir no grupo

	COMO VOCÊ AGE PARA CONTRIBUIR NO GRUPO?
Roberta,	Procuro divulgar na unidade nossos encontros, colocando no mural da creche todos os informes enviados pelo EMFRENTE e socializando com alguns professores que se mostram interessados pelos encontros. (Roberta)
Nair, Leandra,	Participo dos encontros e levo algumas informações para minha escola e demais colegas. Realizo as atividades que o grupo pede como a campanha do Faça Bonito, realizei uma atividade com as crianças na creche. Presto atenção nas palestras e faço anotações e leio sobre o tema que foi debatido.
Marcela,	Já participei de um encontro com o grupo, mas faria o melhor para estar dando minha contribuição para ajudar em alguns questionamentos do projeto.
Silvana,	Durante os encontros temos palestras, orientações, trocamos experiência, levamos sugestões, tiramos dúvidas.
Mariana	Contribuímos com trocas de leituras, discussões sobre casos ocorridos e procedimentos. Informando os professores e funcionários de como proceder nesses casos. Estando atentas as situações na escola.

Fonte: Dados a partir da pesquisa (2014).

Silvana ressalta as trocas de experiências:

Durante os encontros temos palestras, orientações, trocamos experiências (Silvana – dados de pesquisa 2014).

A profissional Nair destaca as informações que leva.

Participo dos encontros e levo informações para minha escola e demais colegas (Nair – dados de pesquisa 2014).

Roberta destaca a importância da divulgação e socialização dos encontros:

Procuro divulgar na unidade nossos encontros, colocando no mural da creche todos os informes enviados pelo ENFRENTE e socializando com alguns professores que se mostram interessados pelos encontros (Roberta – dados de pesquisa 2014).

Já esta profissional diz que realiza todas as atividades que o grupo solicita:

Realizo as atividades que o grupo pede, como a campanha do ¹⁰Faça bonito, realizei uma atividade com as crianças na creche. Presto atenção na palestras e faço anotações e leio sobre o tema que foi debatido (Leandra – dados de pesquisa 2014).

E Marcela destaca sua participação no grupo foi só de um encontro:

Já participei de um encontro com o grupo, mas faria o melhor para estar dando minha contribuição para ajudar em alguns questionamentos do projeto (Marcela – dados de pesquisa 2014).

Mariana salienta que contribui compartilhando informações de como agir em casos que ocorram na escola.

Contribuímos com trocas de leituras, discussões sobre casos ocorridos e procedimentos. Informando os professores e funcionários de como proceder nesses casos. Estando atenta as situações na escola (Mariana - dados de pesquisa 2014).

4.1.3 Quanto à avaliação das ações do grupo

Notamos que a maioria das profissionais destaca o grupo com participantes ativos, comprometidos com seus objetivos. Estas se mostram satisfeitas com as ações realizadas pelo grupo. Conforme Nair, estas ações são ousadas, mas podem ajudar as vítimas de violência. Também destacam que essas ações são importantes por levarem o tema a ser discutido na escola.

Entendemos que estes profissionais que atuam no grupo EMFRENTE fazem o possível para estarem regularmente envolvidas com as atividades do grupo. Assim, entendemos a fala de Nair quando destaca a realização de ações ousadas. Pois, pelo que vimos da pouca participação da comunidade escolar nesta pesquisa, ainda percebe-se que falta muito esclarecimento em relação aos encaminhamentos e ações que venham a se referir as violências sofridas por crianças e adolescentes.

Quadro 8 – Questões apresentadas para respostas pelos profissionais de como avaliam as ações do Grupo EMFRENTE

	COMO VOCÊ AVALIA AS AÇÕES DO GRUPO EMFRENTE?
Roberta, Nair, Leandra,	Acredito que suas ações são sempre com o intuito de ajudar as vítimas e de trazer a sociedade escolar para esta discussão que nem sempre é aceita nas unidades educativas. Vejo como muito ricas e ousadas, e que é dessa forma que se conseguirá minimizar a violência de forma local em nosso município. As ações do grupo EMFRENTE são excelentes, é um grupo onde tem participantes ativos.

¹⁰ Campanha realizada pela Secretaria Municipal de São José por meio do EMFRENTE em virtude do “18 de Maio – Dia Nacional de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual contra Crianças e Adolescentes Esquecer é permitir, Lembrar é Combater”

Disponível em: < <http://emfrentepmsj.blogspot.com.br/2014/04/semana-de-combate-ao-abuso-e-exploracao.html> > Acessado em: 03/06/2014.

Marcela	Não tenho como responder, pois faz pouco tempo que estou interagindo com o grupo, e os encontros são poucos, não tive oportunidade de ver algumas das situações sendo resolvidas pelas ações do grupo EMFRENTE.
Silvana	Um grupo extremamente envolvido e comprometido com seu objetivo que é o Combate a violência contra Crianças e adolescentes.
Mariana	As ações são positivas.

Fonte: Dados a partir da pesquisa (2014).

Leandra considera o grupo ativo:

As ações do grupo EMFRENTE são excelentes, é um grupo onde tem participantes ativos (Leandra – dados de pesquisa 2014).

Já Roberta diz que as ações do grupo são para ajudar:

Acredito que suas ações são sempre com o intuito de ajudar as vítimas e de trazer a sociedade escolar para esta discussão que nem sempre é aceita nas unidades educativas (Roberta – dados de pesquisa 2014).

Silvana diz que o grupo é envolvido e comprometido:

Um grupo extremamente envolvido e comprometido com seu objetivo que é o combate a violência contra crianças e adolescentes (Silvana – dados de pesquisa 2014).

Nair diz que as ações do grupo são ricas e ousadas:

Vejo como muito ricas e ousadas, e que dessa forma que se conseguira minimizar a violência das reuniões pedagógicas (Nair – dados de pesquisa).

Já Marcela diz que está há pouco tempo no grupo e não tem como responder:

Não tenho como responder, pois faz pouco tempo que estou interagindo com o grupo, e os encontros são poucos, não tive oportunidade de ver algumas das situações sendo resolvidas pelas ações do grupo EMFRENTE. (Marcela - dados de pesquisa 2014).

Mariana considera as ações do grupo como positivas.

As ações são positivas (Mariana - dados de pesquisa 2014).

4.1.4 Quanto à troca de informações

Percebemos uma fragilidade quanto à troca de informações, pois estas destacam que há pouco interesse dos profissionais sobre o assunto. É uma troca constante dos agentes de referência. A maioria destaca que as trocas de informações se dão durante as reuniões pedagógicas, através de conversas formais, ou na mostra dos materiais trazidos das reuniões do grupo EMFRENTE. Como podemos observar no quadro abaixo.

Quadro 9 – Questões apresentadas para respostas pelos profissionais de como acontecem as trocas de informações entre agente de referência/escola

	COMO ACONTECEM AS TROCAS DE INFORMAÇÕES entre AGENTE DE REFERÊNCIA / ESCOLA?
Roberta, Nair, Leandra, Marcela Silvana, Mariana	No meu caso quando acontece, é na reunião pedagógica, mas percebo que não há ainda um interesse real por parte dos profissionais sobre o assunto. Através das reuniões pedagógicas. Passo para o CEI tudo o que foi realizado no encontro, levo os materiais e meus cadernos de anotações para o CEI. Ainda não foi repassado, até porque mudam com facilidade os agentes de referência, não tem uma sequência certa, quando começa a inteirar-se há mudanças, mas, deve ser repassados em reuniões pedagógicas ou mesmo quando houver necessidade de discussão sobre o assunto, será uma conversa formal. Na hora do intervalo sala de professores e reuniões pedagógicas, As trocas de informações ocorrem principalmente nas reuniões pedagógica ou sempre que acontecem encontros.

Fonte: Dados a partir da pesquisa (2014).

Roberta, Nair, Marcela e Mariana dizem trocar informações nas reuniões pedagógicas:

No meu caso quando acontece, é na reunião pedagógica, mas percebo que não há ainda um interesse real por parte dos profissionais sobre o assunto (Roberta – dados de pesquisa 2014).

Ainda não foi repassado até porque muda com facilidade os agentes de referência, não tem uma sequência certa, quando começa a inteirar-se há mudanças, mas, deve ser repassados em reuniões pedagógicas ou mesmo quando houver necessidade de discussão sobre o assunto, será uma conversa formal (Marcela - dados de pesquisa 2014).

Através das reuniões pedagógicas (Nair – dados de pesquisa 2014).

As trocas de informações ocorrem principalmente nas reuniões pedagógica ou sempre que acontecem encontros. (Mariana - dados de pesquisa 2014).

Já Leandra diz que é através dos acontecimentos que acontecem no CEI:

Passo para o CEI. Tudo o que foi realizado no encontro, levo os materiais e meus caderno de anotações para o CEI. (Leandra – dados de pesquisa 2014).

E Silvana diz ser através de vários momentos:

Na hora do intervalo, sala de professores e reuniões pedagógicas (Silvana – dados de pesquisa 2014).

4.1.5 As trocas de informações entre agente de referência, escola e grupo EMFRENTE

Constatamos que todas as profissionais mostram-se satisfeitas, pois conseguem se comunicar com GRUPO EMFRENTE através de Email, Internet, telefone, documentos informativos, reuniões, encontros uma vez por mês, conversas formais,

Quadro 10 – Questões apresentadas para respostas pelos profissionais de como se dão as trocas de informações agente de referência/escola/ Grupo EMFRENTE

	COMO SE DÃO AS TROCAS DE INFORMAÇÕES AGENTE DE REFERÊNCIA / ESCOLA / GRUPO EMFRENTE?
Roberta, Nair,	Via email e documentos informativos, e nos encontros. Até o momento, somente eu como agente passei as informações do grupo EMFRENTE nas reuniões pedagógicas. No ano passado fizemos a distribuição dos folders para as famílias de nossos alunos.
Leandra, Marcela, Silvana, Mariana	Através de e-mails, e das atividades ou acontecimentos realizados no CEI. Através de paradas pedagógicas, ou conversas formais. Através dos encontros uma vez ao mês, e-mails, páginas sociais na internet, telefone. Através das reuniões pré-agendadas que ocorrem mensalmente através dos Agentes de referência e (Grupo Emfrente) e email, do grupo. (emfrente.pmsj@gmail.com).

1- Fonte: Dados a partir da pesquisa (2014).

Silvana diz ser através dos encontros:

Através dos encontros uma vez ao mês, e-mail, páginas sociais na internet, telefone. (Silvana – dados de pesquisa 2014).

Marcela e Nair destacam as paradas pedagógicas:

Através de paradas pedagógicas, ou conversas formais (Marcela - dados de pesquisa 2014).

Até o momento, somente eu como agente passei a informações do grupo EMFRENTE nas reuniões pedagógicas. No ano passado fizemos a distribuição dos folders as famílias de nossos alunos. (Nair – dados de pesquisa 2014).

Leandra situa as reuniões no CEI:

Através de e-mail, e das atividades ou acontecimentos realizados no CEI (Leandra – dados de pesquisa 2014).

Roberta indica que tais informações se dão a partir dos documentos e encontros no grupo:

Via e-mail, e documentos informativos e nos encontros (Roberta – dados de pesquisa 2014).

Mariana enfatiza que as trocas de informações se dão por reuniões com os agentes de referência.

Através das reuniões pré-agendadas que ocorrem mensalmente através dos Agentes de referência e (Grupo Emfrente) email, do grupo. (emfrente.pmsj@gmail.com) (Mariana - dados de pesquisa 2014).

4.1.6 Encaminhamentos para a escola

Percebe-se que todas profissionais trazem informações para a escola e estas são transmitidas nas reuniões pedagógicas, através de materiais distribuídos pelo grupo, dos Emails encaminhados pelo EMFRENTE, através da conscientização e da troca de informações dos professores quanto à mudança de seus alunos.

Quadro 11 – Questões apresentadas para respostas pelos profissionais de como são os encaminhamentos para escola

	A PARTIR DE SEUS ESTUDOS COM O GRUPO COMO SÃO OS ENCAMINHAMENTOS PARA ESCOLA?
Roberta, Nair, Leandra, Marcela, Silvana Mariana	Como já citei acima através de reuniões, em nossa unidade Busco conscientizar as professoras e informá-las para que fiquem atentas em qualquer mudança com os seus alunos. Através de materiais que são distribuídos nos encontros, também através dos e-mails que o grupo EMFRENTE encaminha. Marcela deixou questão em branco. São compartilhados com os professores através de conversas. Participar em todos os encontros do EMFRENTE; Promover debates, intervenções e encontros sobre o tema; Orientar a direção quanto a realização das denúncias realizadas, acompanhar as situações encaminhadas.

Fonte: Dados a partir da pesquisa (2014).

Leandra destaca que é através dos materiais vindos do EMFRENTE:

Através dos materiais que são distribuídos nos encontros, também através dos E-MAILS que o grupo EMFRENTE encaminha (Leandra – Dados da pesquisa 2014).

Já Marcela não respondeu à pergunta, mas Nair destaca que busca uma conscientização entre os professores:

Busco conscientizar as professoras e informá-las para que fiquem atentas em qualquer mudança com os seus alunos (Nair – Dados da pesquisa 2014).

Silvana prioriza as conversas:

São compartilhados com os professores através de conversas. (Silvana - Dados da pesquisa 2014).

E Roberta cita as reuniões:

Como já citei acima através de reuniões, em nossos encontros (Roberta - Dados da pesquisa 2014).

No que diz respeito aos encaminhamentos para a escola Mariana ressalta que orienta a direção quanto à realização das denúncias.

Participar em todos os encontros do EMFRENTE; Promover debates, intervenções e encontros sobre o tema; Orientar a direção quanto à realização das denúncias realizadas, acompanhar as situações encaminhadas (Mariana - dados de pesquisa 2014).

4.1. 7 Projetos feitos na escola junto à questão da violência:

Notamos a falta de atividades relacionadas à questão de violência. Percebe-se que só uma profissional destacou que desenvolve projetos relacionados ao tema. Esta diz trabalhar valores como respeito, amizade, solidariedade, família, convivência.

Quadro 12 – Questões apresentadas para respostas pelos profissionais se é realizado algum projeto na escola a partir dos estudos no Grupo EMFRENTE

	É REALIZADO ALGUM PROJETO NA ESCOLA A PARTIR DE SEUS ESTUDOS NO GRUPO EMFRENTE?
Roberta, Nair,	NÃO. Ainda não iniciamos nenhum projeto, mas pretendemos iniciar em relação a campanha de 18 de maio nas próximas 2 semanas.
Leandra, Marcela,	No momento não, mas se for preciso realizar, com certeza será feito um projeto. Não, pois só participei de 1 encontro, preciso me interar com as pessoas que faziam parte do grupo p/ saber se já existe alguma coisa encaminhada.
Silvana,	Como iniciei no grupo há pouco tempo ainda não estou desenvolvendo, projeto na Unidade Escolar.
Marcela	Trabalhamos com nossos alunos projetos que envolvem valores como: respeito, amizade, solidariedade, família, convivência etc.

Fonte: Dados a partir da pesquisa (2014).

A maioria das profissionais dizem não ter participado de projetos, uma relata que trabalham com seus alunos sobre alguns valores.

Nair diz não ter iniciado nenhum projeto:

Ainda não iniciamos nenhum projeto, mas pretendemos iniciar em relação a campanha de 18 de maio nas próximas duas semanas (Nair - dados da pesquisa 2014).

No momento não, se for preciso realizar, com certeza será feito um projeto (Leandra - dados da pesquisa 2014).

Como iniciei no grupo há pouco tempo ainda não estou desenvolvendo, projeto na unidade escolar (Silvana - dados da pesquisa 2014).

Não, pois só participei de 1 encontro, preciso me inteirar com as pessoas que faziam parte do grupo para saber se já existe alguma coisa encaminhada. (Marcela - dados da pesquisa 2014).

Trabalhamos com nossos alunos projetos que envolvem valores como: respeito, amizade, solidariedade, família convivência etc. (Mariana - dados de pesquisa 2014).

4.1.8 Sobre as práticas e estratégias utilizadas no projeto

Notou-se que duas das profissionais não responderam esta pergunta deixando-a em branco. As outras destacaram que tem como estratégia principal a informação e conscientização das pessoas, em relação ao desconhecimento de seus direitos. Na notificação das suspeitas e conversas com a família, nas palestras nas instituições com psicólogos, conselheiros. Nas leituras, debates, contação de histórias.

Quadro 13 – Questões apresentadas para respostas pelos profissionais de quais práticas e estratégias são utilizadas para os projetos

	QUAIS AS PRÁTICAS E ESTRATÉGIAS SÃO UTILIZADAS PARA OS PROJETOS?
Roberta, Nair,	Roberta deixou questão em branco. Nossa estratégia principal é informar e conscientizar as pessoas. Muitos desconhecem seus direitos.
Leandra, Marcela	Leandra deixou questão em branco. Observações, quando notar alguma suspeita conversar com a família, palestras nas instituições c/ psicólogos, conselheiros, para estarem contribuindo c/ suas práticas.

Silvana, Mariana	No momento não há projeto no momento. Leituras, debates, contação de histórias.
---------------------	--

Fonte: Dados a partir da pesquisa (2014).

Nair diz informar e conscientizar:

Nossa estratégia principal é informar e conscientizar as pessoas. Muitos desconhecem seus direitos (Nair - dados da pesquisa 2014).

Silvana diz que não tem projetos: No momento não há projetos (Silvana - dados da pesquisa 2014), mas Mariana relata que as utilizam algumas estratégias como: Leituras, debates, contação de histórias (Mariana - dados de pesquisa 2014).

Já Marcela destaca a conversa com a família:

Observações, quando notar alguma suspeita conversar com a família, - palestras nas instituições com psicólogos, conselheiros, para estarem contribuindo com suas práticas. (Marcela - dados da pesquisa 2014).

Conforme relato acima, observamos que para se compreender como se deve proceder em casos de suspeitas de violências contra crianças e adolescentes o profissional precisa estar atento, pois como já foi citado anteriormente nesta pesquisa por Vastogello (2003, p. 195) destaca uma contradição quando ao chamar a família para lhe dizer que está desconfiada de vivência de violência pode estar alertando o próprio agressor sobre os eu ato, o qual pode agir de forma ardilosa dissimulando a agressão e também pressionar a vítima por outros atos de violência psicológica e física.

Neste momento percebemos o quanto é importante que a formação desses educadores deva ser contínua e permanente. Assim, concordamos com Nakayama (2011, p. 86):

Ao pensarmos na formação de professores/as, é fundamental que levemos em consideração a colocação de Barreto (2006) de que criticamos com facilidade o modelo bancário de educação, mas que corremos um sério risco de “aproveitar o tempo curto que dispomos, para encher avidamente o ‘pote vazio’ que acreditamos ver nos educadores.

4.1.9 Quanto aos relatos sobre o grupo:

Quando questionados aos participantes se gostariam de relatar mais alguma coisa referente ao GRUPO EMFRENTE, as profissionais relatam que é um grande desafio estar no GRUPO EMFRENTE, devido ao confronto com situações não agradáveis. Muitos profissionais ainda mostram-se resistentes para falar sobre o assunto. Os temas abordados pelo grupo são importantes para os agentes de referência.

Uma profissional sugere que o trabalho do grupo EMFRENTE se estenda também nas delegacias. E que esse trabalho seja feito junto às famílias, pois o trabalho longe da família pouco ajuda. Outra profissional ressalta que o EMFRENTE é um grupo bem estruturado, oferece palestras e informações, que vão dar subsídios para identificar os casos ocorridos na Unidade escolar.

Outra profissional destaca que o grupo EMFRENTE traz a proposta de identificar, discutir e articular ações que visam o enfrentamento, denúncia e manejo das violências contra crianças e adolescentes.

Quadro 14 – Questões apresentadas para respostas pelos profissionais se gostariam de relatar mais alguma coisa referente ao GRUPO EMFRENTE

	GOSTARIA DE RELATAR MAIS ALGUMA COISA REFERENTE AO GRUPO EMFRENTE?
Roberta	Estar no EMFRENTE é um grande desafio, pois temos que nos confrontar com situações que nem sempre nos é agradável, porém são inaceitáveis, a sociedade não pode fechar os olhos diante de tanta crueldade com nossas crianças. E o EMFRENTE trouxe esta causa para as unidades educativas, no qual muitos educadores ainda apresentam resistência para falar do assunto.
Nair	Não.
Leandra	Gosto de participar do grupo, os temas abordados são de suma importância para o conhecimento de todos os agentes de referência.
Marcela	Que esse trabalho não se estendesse só em escolas, mas o grupo EMFRENTE como: ENFRENTE São José, Delegacia, Conselheiros, façam ou construam nos bairros, reuniões de pais, ou mesmo comunidade estarem trabalhando esse tema do EMFRENTE juntamente c/ as famílias, pois fazendo esse trabalho, separado das famílias pouco vai adiantar.
Silvana Mariana	Grupo está muito bem estruturado, e a cada encontro nos oferece palestras e informações, nos proporcionando subsídios para identificar os casos em nossa Unidade Escolar. O grupo se propõe a identificar, discutir e articular ações que visam o enfrentamento, denuncia e manejo das violências contra crianças e adolescentes.

Fonte: Dados a partir da pesquisa (2014).

Marcela destaca que o trabalho do grupo não deveria ser só na escola:

Que esse trabalho não se estende só nas escolas, mas o grupo EMFRENTE como: EMFRENTE São José, Delegacia, Conselheiros, façam ou construam nos bairros, reuniões de pais, ou mesmo comunidade estarem trabalhando esse tema do EMFRENTE juntamente com as famílias, pois fazendo esse trabalho, separado das famílias pouco vai adiantar (Marcela - dados da pesquisa 2014).

Roberta destaca os desafios de estar no EMFRENTE:

Estar no Emfrente é um grande desafio, pois temos que nos confrontar com situações que nem sempre nos é agradável, porém são inaceitáveis, a sociedade não pode fechar os olhos diante de tanta crueldade com nossas crianças. E o Emfrente trouxe esta causa para as unidades educativas, no qual muitos educadores ainda apresentam resistência para falar do assunto (Roberta – Dados da Pesquisa, 2014).

Leandra destaca a importância dos temas abordados:

Gosto de participar do grupo, os temas abordados são de suma importância para o conhecimento de todos os agentes de referência (Leandra - Dados da pesquisa 2014).

Nair destacou que não gostaria de relatar nada.

Não (Nair - Dados da pesquisa 2014).

Silvana destaca a boa estrutura do grupo:

Grupo está muito bem estruturado, e a cada encontro nos oferece palestras e informações, nos proporcionando subsídios para identificar os casos em nossa Unidade Escolar (Silvana - dados da pesquisa 2014).

Mariana evidencia o objetivo do Grupo.

O grupo se propõe a identificar, discutir e articular ações que visam o enfrentamento, denúncia e manejo das violências contra crianças e adolescentes (Mariana - dados de pesquisa 2014).

4.1.10 Quanto aos desafios e demandas vindas da escola

Ao citar os desafios e práticas oriundas das práticas escolares para serem incorporados ao grupo. Duas profissionais deixaram a questão em branco. As outras citaram a violência entre educandos, a discriminação, o combate as drogas. E alguma campanha referente à negligência dos pais com os filhos.

Quadro 15 – Questões apresentadas para respostas pelos profissionais sobre desafios e demandas oriundas das práticas na escola que o profissional indica para que possa ser incorporados pelo GRUPO EMFRENTE

	QUE OUTROS DESAFIOS E DEMANDAS ORIUNDAS DAS PRÁTICAS NA ESCOLA VOCÊ INDICA PARA QUE POSSAM SER INCORPORADOS PELO GRUPO EMFRENTE?
Roberta, Nair, Leandra, Marcela, Silvana, Mariana	Acredito que a violência entre os educandos, não é o caso da educação infantil, mas percebo relatos de professores de educandos maiores com muita dificuldade de lidar com situações de violências entre os adolescentes. De repente alguma campanha mais eficaz contra a negligência que muitos pais tem com seus filhos, a fim de evitar que isso vire algum tipo de violência. Discriminação. Marcela deixou questão em branco. Combate as drogas. Mariana deixou a questão em branco.

Fonte: Dados a partir da pesquisa (2014).

Roberta fala da violência entre os educandos:

Acredito que a violência entre os educandos, não é o caso da Educação Infantil, mas percebo relatos de professores de educandos maiores com muita dificuldade de lidar com situações de violências entre os adolescentes (Roberta – Dados da pesquisa 2014).

Silvana destaca as drogas: Combate as drogas (Silvana – Dados da pesquisa 2014).

Já Nair propõe uma campanha contra a negligência dos pais:

De repente alguma campanha mais eficaz contra a negligência que muitos pais tem com seus filhos, a fim de evitar que isso vire algum tipo de violência (Nair – Dados da pesquisa 2014).

Marcela e Mariana não respondem a pergunta (Marcela e Mariana – Dados da pesquisa 2014). Leandra ressalta a discriminação como um tema a ser abordado: Discriminação (Leandra – dados da pesquisa 2014).

5. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A partir dos questionamentos realizados com os profissionais envolvidos no GRUPO EMFRENTE observamos a relevância da pesquisa.

De fato foi perceptível como o tema violência é difícil de ser abordado e discutido com os profissionais da educação. Constatamos isso pela dificuldade de encontrar colaboradores para pesquisa. O estudo contou com as participações de seis profissionais que se dispuseram a responder o questionário contendo quatorze perguntas dissertativas. As perguntas na sua ordem estarão dispostas em anexo. Analisamos as respostas com atenção para um melhor estudo e compreensão sobre o assunto.

Ao analisar o que cada profissional do Grupo EMFRENTE destacou, foi observado que cinco dessas profissionais atuam mais de dois anos na Rede Municipal de Educação de São José e uma a menos de um ano. Quanto à formação todas apresentam formação superior. Com relação à área de atuação na rede municipal de São José, três são da educação infantil, sendo dois auxiliares de educação e uma professora de educação física e três são do ensino fundamental, sendo as três orientadoras educacionais. Duas destas profissionais dizem ter conhecido o projeto através de sua diretora, outras duas através da Secretaria de Educação, outra através da rede municipal de São José e outra através de divulgação do grupo EMFRENTE.

Entendemos que a entrevistada e os educadores que responderam ao questionário mostraram constituir um grupo interessado, envolvido e disposto a discutir e participar do que era proposto pelo grupo EMFRENTE.

Nos questionamentos sobre a importância do grupo e prática docente. Foi observado que todas as profissionais destacaram a importância do grupo como um espaço de debates, reflexões, diálogos e ações contra a violência. Já no que diz respeito à prática docente foi percebido que todas estão satisfeitas relatando que o grupo trouxe mais reflexões para sua prática docente.

Observando as ações pedagógicas e as trocas de informações escola/ agente de referência/ grupo EMFRENTE foi constatado que o grupo tem uma reunião mensal e consegue comunicar-se com os agentes de referência de diversas maneiras: através de reuniões, encontros com conversas formais, nas páginas sociais da internet, Email, telefone e por documentos informativos. Em relação às trocas de informações na escola, vimos que estas acontecem durante as reuniões pedagógicas,

conversas formais, na hora do intervalo escolar. Entende-se com isto que estes meios facilitam e ajudam nas orientações vindas do grupo EMFRENTE. Porém, percebeu-se nos relatos de uma das profissionais que os agentes mudam com muita frequência dificultando as trocas de informações na escola e outra profissional destacou ainda o desinteresse de alguns profissionais em relação ao assunto abordado na escola em relação ao EMFRENTE. Através dos relatos das profissionais constatou-se que a maioria ainda não está desenvolvendo nenhum projeto. Só uma frisou que desenvolveu projetos com temas referentes a alguns valores.

Em relação às estratégias nos projetos destaca-se a informação e conscientização dos direitos, pois muitas pessoas não o conhecem. Ressaltam as conversas com as famílias quando há suspeita de violência e palestras com conselheiros e psicólogos.

Foram observados os conteúdos da formação do grupo EMFRENTE e viu-se que a maioria das profissionais concordam que os temas abordados nos encontros condizem com a necessidade de compreensão dos agentes, que as dúvidas são sanadas com palestras e discussões sobre violências. Duas das profissionais relatam que poderia ter mais estudos de casos para melhor reconhecimento de ocorrências de casos de violências nas U.E (unidades de ensino). Outra profissional observa que seria relevante que em todas as escolas tivesse o trabalho com as psicólogas, para poder atender as necessidades que aparecerem.

Analisando as respostas constatamos que as contribuições dos profissionais e as avaliações das ações do GRUPO EMFRENTE como favoráveis para formação desse educador, pois estas dizem que as ações do GRUPO EMFRENTE são ousadas, ricas, positivas e levam a escola a discutir, refletir e ajudar as crianças e adolescentes vítimas de violência.

Nas contribuições dos profissionais para o grupo esses destacaram que contribuem no estudo, nas palestras, nas informações, nas discussões na observação e procedimentos dos fatos ocorridos na escola. Nas campanhas solicitadas pelo grupo como “Faça bonito”. Em divulgações dos informes nos murais da escola, na troca de informações com os professores que por acaso venham a se interessar pelo assunto.

As entrevistadas destacaram que vêem o grupo como uma forma de reflexão, conscientização, mobilização, prevenção, combate e divulgação das violências, vêem também como ajuda para uma possível denúncia. Estas ressaltam da importância dos agentes, por estarem mais próximos das crianças. Uma das profissionais destacou que

percebia o grupo como se fosse somente informativo, sem utilidade, mas com a sua atuação no grupo e organização do mesmo, pode constatar sua importância.

Com as análises podemos responder nossa pergunta inicial: “Até que ponto as ações de formação da secretaria da educação do município de São José estão chegando às escolas para contribuir no combate ao quadro da violência doméstica?” Percebemos que o município oferece formação, e que esta formação é considerada pelos entrevistados como rica e importante. Notou-se que as ações são concretas e chegam às unidades de ensino através dos agentes de referência, porém foi observado que muitos profissionais não têm uma participação mais efetiva no grupo, pois ainda sentem desconforto em tratar o tema Violência. Observamos também que há ainda uma fragilidade em relação à constante mudança dos agentes de referência nas intuições dificultando a troca de informações e de novas ações e, portanto, no envolvimento de alguns profissionais nas questões debatidas pelo grupo. Vimos que essa mudança de quem são os agentes de referência se dão devido à participação no grupo de professores em caráter temporário, que possivelmente no outro ano não estarão na escola, e já a desistência de muitos professores efetivos, que preferem não participar mais do grupo.

Percebemos pela fala dos professores que o GRUPO EMFRENTE tem uma proposta que atende as profissionais, ele traz em suas palestras temas atuais como: estrutura do conselho tutelar, Legislação, saúde, tipos de violência. Também o tema violência é discutido através de algumas observações de acontecimentos ocorridos com os alunos na escola e estas observações são levadas para o grupo e lá são discutidos. O grupo oferece palestras com psicólogos e agentes de referência.

A partir das análises da entrevista e dos dados coletados dos questionários podemos observar o quanto é importante uma boa formação, pois através destas adquirimos conhecimentos para saber como proceder e trocar informações em casos específicos que ocorram nas escolas e aliviar as tensões que certas situações provocam nos educadores.

Destaca-se ainda que esta formação seja mais efetiva se houver uma continuidade nos estudos, nos debates, na aquisição do conhecimento. Percebemos que o GRUPO EMFRENTE traz essa continuidade, porém observamos através dos relatos que há constantemente a troca do chamado agente de referência devido a diversos fatores como, por exemplo, de ordem pessoal, e o fato de muitos profissionais que participam do grupo, ser contratados em caráter temporário, entre outros. Por

constatarmos através do relato da entrevista que há uma disponibilidade para dois agentes de referência um por período deixamos como sugestão que seja um profissional efetivo e um contratado assim, irá abarcar tanto profissionais contratados como os efetivos e sempre no início de cada ano letivo, um dos profissionais estará na instituição. Desta forma, mesmo que o profissional temporário não esteja no grupo, o efetivo em parceria como o novo profissional continuará sendo multiplicador de idéias e informações.

Queremos também destacar a dificuldade que tivemos para encontrar pesquisas referentes ao tema. Assim, seria de grande importância que tanto as universidades e também o grupo EMFRENTE através de parcerias, incentivasse produções acadêmicas. Com isso, provocar que muitos outros docentes se interessem pelo grupo e trouxessem informações que futuramente viessem ajudar em uma melhor compreensão sobre a complexidade e importância das suas ações e sobre vários aspectos dos estudos que o mesmo apresenta ou desenvolve. A partir disso concluímos que o Grupo EMFRENTE tem muito a oferecer como um instrumento de pesquisa e como possibilidade de indicar que o tema do “enfrentamento” à violência precisa ser ampliado no âmbito da pesquisa acadêmica.

Referências:

- ARIÉS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Tradução Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1978. 17. P.
- BARRETO, V. **Formação permanente ou continuada**. In: SOARES, L. (Org.) Formação de educadores de jovens e adultos. Belo Horizonte: Autêntica/SECAD-MEC/UNESCO, 2006
- BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Santa Catarina, 2006. 38. P.
- FALEIROS, Vicente de Paula; FALEIROS, Eva Silveira. **Escola que Protege: enfrentando a violência contra crianças e adolescentes**. 2. ed. Brasília, 2008. P.16. 32
- MACIEL, I. M. (Org.) **Psicologia e Educação: Novos caminhos para a formação**. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2001. 64p.
- NAKAYAMA, Andréa Rettig. **O trabalho de professores/as em um espaço de privação de liberdade: necessidades de formação continuada**. 2011. Dissertação (Mestrado em Mestrado em Educação) – UFSC/SC.
- PRIORE, Mary Del, et al. **História da Criança no Brasil**. 4. ed. São Paulo, 1996. 67 P.
- ROCHA, Eloisa A. C.; OSTETTO, Luciana E. O estágio na formação universitária de professores de Educação Infantil. In: SEARA, Izabel Christine et al. (Orgs.). **Práticas pedagógicas e estágios: diálogos com a cultura escolar**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2008, p. 103-116.
- ROSA, Rogério Machado (Org.) **Educação, Escola e violência**. 2. ed. Florianópolis: NUVIC-CED-UFSC, 2011.
- ROUSSEAU, J.J. **Emílio ou da Educação**. Tradução Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 4 p.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. 23. Ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.
- TRIVIÑOS, N. S **Introdução a pesquisa em ciências Sociais**. A pesquisa qualitativa em educação. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2006. Capítulo 05: Pesquisa qualitativa. P. 116 – 158
- ANDO, Daniela; FELDMANN, Graziela. **A Violência Doméstica Contra Crianças e a Formação de Professores: um elo a ser estreitado**. 2013.
Disponível em:
<<http://www.seer.ufu.br/index.php/braziliangeojournal/article/view/23452/12955>>
- Acesso em maio. 2014
- ASSIS, Simone Gonçalves de et. al. **Notificação de violência doméstica, sexual e outras violências contra crianças no Brasil**. Rio de Janeiro, 2012, p. 2307.

Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/csc/v17n9/a12v17n9.pdf> > Acessado em maio 2014.

VAGOSTELLO, Lucilena, et al. **Violência doméstica e escola: um estudo em escolas públicas de São Paulo**. 2003.

Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2003000300008&lang=pt>Acesso em maio 2014

WASELFISZ, Júlio Jacob. **Mapa da Violência: crianças e adolescentes do Brasil**.

1. Ed. Rio de Janeiro: Flacso Brasil, 2012. Capítulo 7. P. 8. Disponível em:

<http://mapadaviolencia.org.br/pdf2012/MapaViolencia2012_Crianças_e_Adolescentes.pdf> Acesso em abril 2014

ANEXOS

ANEXO A - Carta de apresentação



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

Caro professor (a) ao agradecer solicito sua colaboração no preenchimento deste questionário, o qual se constitui como instrumento de minha pesquisa de TCC do curso de Pedagogia na UFSC intitulado “EMFRENTE: Uma proposição de enfrentamento a violência no contexto da rede municipal de educação de São José”, que tem como objetivo Investigar processos de formação continuada e as ações da Secretaria Municipal de Educação de São José dirigidas às escolas de educação básicas sobre a questão da violência e seus alcances. A identificação dos participantes será resguardada

Para maior esclarecimento deixamos nosso contato:

Maria Hermínia Laffin (orientadora) – herminialaffin@gmail.com

Telefone para contato: 99805957

Dayse Maria Corrêa (discente) – dayzesc@hotmail.com

Telefone para contato: (48) 84166317

ANEXO B – Formulário de consentimento livre e esclarecido (responsável)



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

PROJETO DE PESQUISA

Formulário de consentimento livre e esclarecido (responsável).

Eu, _____ declaro que me sinto esclarecido e que desejo participar respondendo a um questionário sobre o projeto intitulado “EMFRENTE: Uma proposição de enfrentamento a violência no contexto da rede municipal de educação de São José”, com as considerações descritas anteriormente, sem que haja nenhuma exposição ou consequência negativa para mim. Concordo que esses resultados possam ser utilizados para a produção do relatório de trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia para sistematizar a pesquisa.

Assinando este documento, eu indico que concordo na minha participação na pesquisa.

Assinatura

Doc. Identificação

Data

ANEXO C – Questionário enviado para os profissionais do GRUPO EMFRENTE



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

Questionário

Nome: _____ (Opcional se preferir ficar no anonimato)

Idade: _____

Formação: _____

Tempo de atuação na rede municipal de educação de São José: _____

Área de atuação na rede municipal de educação de São José _____

Instituição de ensino que trabalha _____ (Opcional se preferir ficar no anonimato)

1- Como conheceu o Grupo EMFRENTE?

2- Quanto tempo participa do Grupo EMFRENTE?

3- Como você vê o grupo?

4- O que o grupo trouxe para que você se interessasse pelo mesmo? Que ações são significativas para sua prática docente e pessoal?

5- O grupo EMFRENTE atende suas expectativas? Em que sentido? Se não, o que poderiam indicar ao grupo?

6- Como você age para contribuir no grupo?

7- Como você avalia as ações do Grupo EMFRENTE?

8- Como acontecem as trocas de informações Agente de referência / escola?

9- Como se dão as trocas de informações Agente de referência / escola / Grupo EMFRENTE?

10- A partir de seus estudos com o Grupo como são os encaminhamentos para escola?

11- É realizado algum projeto na escola a partir de seus estudos no grupo EMFRENTE?

12- Quais as práticas e estratégias são utilizadas para os projetos?

13- Gostaria de relatar mais alguma coisa referente ao Grupo EMFRENTE?

14- Que outros desafios e demandas oriundas das prática na escola você indica para que possam ser incorporados pela Grupo EMFRENTE?